DIOGE
12199-72
1

II

Contos Patrios

PUBLICAÇÕES DA LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Olavo BILAC : Poesias Infantis, 1 vol. in-8º pequeno, caprichosamente illustrado, cartonado com capa de côres . . . . . 3$000

Olavo BILAC & Coelho NETTO : Theatro Infantil, 1 vol. in-16, cartonado. . . . . 2$000

NO PRÉLO

Olavo BILAC & Coelho NETTO : Patria Brasileira, narrativas para os Jovens Brasileiros, 1 vol. in-8º pequeno, caprichosamente illustrado, cartonado com capa de côres. . . . . $

1310.

OLAVO BILAC e COELHO NETTO

EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA

Contos Patrios

(Para as creanças)

2ª EDIÇÃO

BIBLIOTHECA NACIONAL
856

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO — 134, rua do Ouvidor, 134

RUA DA BAHIA
BELLO HORIZONTE

RUA DE S. BENTO, 45
SÃO PAULO

1906

BR 869
3/11/53

A FRONTEIRA

Noite alta e morna: o rio rolava vagarosamente as suas grandes aguas, e a veneranda selva, de troncos virgens, enchia a solidão com o seu murmurio solemne, quando chegou ao povoado um cavalleiro. O animal, que elle cavalgava, humido e arquejante, denunciava um longo e desabrido galope: e a pressa com que saltou da sella á porta da

primeira cabana, fechada e silenciosa, fazia suspeitar que algum acontecimento grave o levava a emprehender tão arriscada viagem, atravez da floresta precorrida pelos animaes bravios.

Bateo com força e, como não lhe respondessem, bateo de novo : falaram. — Abre! — bradou imperativamente. Logo rangeo o ferrolho, e num raio de luz appareceo no limiar da porta a valida figura de um sertanejo trazendo apenas sobre o corpo forte uma camisola ampla que lhe chegava aos pés.

— As nossas terras vão ser tomadas : — disse o recem-chegado, antes mesmo de saudar o sertanejo. — Vim por essas mattas a todo o galope para ver se ainda chegava a tempo de prevenir-vos.

— Vão ser tomadas ! — exclamou o outro, pasmado.

— Sim. Estrangeiros effectuaram um desembarque e vêm pela floresta, armados.

— E então? Que havemos de fazer?

— Armemo-nos.

— Quantos são elles?

— Não sei: o numero pouco importa, o necessario é que nos defendamos.

— E se elles forem muito superiores em numero?

— Não importa. Se eu aqui vivesse isolado, da porta da minha cabana faria fogo sobre os invasores até caír atravessado por uma bala. Somos ao todo vinte e tres homens, elles são talvez duzentos... mas vamos! Arma-te e vem: accorda tua mulher e teu filho, eu vou prevenir os mais.

O sertanejo esteve algum tempo hesitante. O murmurio da floresta crescia

com o vento, dando, por vezes, a illusão de tambores rufados, ao longe.

— Elles ahi vêm...

— Elles ahi vêm : não ha tempo a perder! Se morrermos, todos os nossos corpos ficarão marcando a fronteira da Patria. Pelas nossas ossadas e pelas cinzas de nossas cabanas, os que vierem mais tarde conhecerão o limite do Brasil. Vamos! Falta-nos uma bandeira; temos, porém, o céo, o grande céo; e o choro assustado de nossos filhos excita-nos mais do que os clarins de guerra. Vamos!

— Vamos! — bradou o sertanejo, correndo a buscar a sua arma de caça.

Quando luzio a madrugada formosa, todos os homens do povoado estavam de pé, de arma em punho, entrincheirados, esperando o invasor.

As mulheres intrepidas, que não haviam querido deixar os maridos, apertavam ao collo os filhos que dormiam,

e todos os olhos estavam cravados no caminho onde deviam apparecer os estrangeiros.

Era quasi meio dia, o sol abrasava, quando os primeiros soldados surgiram tranquillamente, pisando com orgulho a terra que julgavam abandonada : á frente caminhava o official garboso, fazendo brilhar ao sol a espada núa. Mas um grito atroou : — « Viva o Brasil ! » — e logo uma descarga retumbou no silencio. Os invasores, sorprehendidos, recuaram : eram em numero muito superior ao dos que defen-

diam a terra natal, posto que cinco d'elles já escabujassem no solo alcançados pelas balas certeiras dos sertanejos.

Resoaram clarins, e, em fila cerrada, os invasores avançaram : nova descarga, porém, fez que retrocedessem, deixando no campo novos mortos.

E não viam o inimigo; davam tiros ao acaso, aterrados, como se se batessem com o sobrenatural, até que uma nova descarga os colheo, sendo attingido o official, que rolou por terra moribundo. Desanimados, os invasores recuavam, sempre atirando ao acaso, sempre perseguidos pelas balas dos que defendiam a terra da Patria, até que alcançaram os barcos e precipitadamente passaram á outra margem. De longe, então, atravessando as aguas, viram apparecer os heroes que se haviam batido entrincheirados nas proprias cabanas, tendo ao lado as mulheres, os filhos, os velhos

paes que os animavam. E a selva grande e veneranda parecia applaudir os seus filhos valentes com a sua grande voz murmurosa e constante. E até alta noite, emquanto abriam covas para enterrar os inimigos mortos, bradavam delirantemente, victoriosamente : — Viva o Brasil! —, contentes por haverem defendido a fronteira, da qual eram os guardas fieis, contra as mãos rapaces do estrangeiro.

MÃE MARIA

MÃE MARIA

É ainda esta, no fim de minha longa vida, tão cheia de alegrias e de tristezas, a recordação mais funda que guardo dentro da alma.

Fechando os olhos, para mais claramente evocar a memoria dos dias da minha infancia, vejo logo, nitidamente desenhada pela minha saudade, a doce figura da velha mãe Maria. Tão velha!... Quando nasci, já o seu cabello encarapinhado embranquecia. Ainda viveo comigo uns treze annos. E nunca ninguem me soube dizer onde morreo, e onde foi dormir o ultimo somno o seu corpo de

velha escrava, alquebrado por quasi um seculo de captiveiro e de trabalho.

* * *

Comprar e vender escravos era, naquelle tempo, uma cousa natural. Ninguem perguntava a um negro comprado o seu passado, como ninguem procurava saber de onde vinha a carne com que se alimentava ou a fazenda com que se vestia. De onde vinha a velha Maria, quando, logo depois de meu nascimento, meu pae a comprou? Sei apenas que era africana; e tinha talvez um passado terrivel: porque, quando a interrogavam a esse respeito, um grande terror lhe dilatava os olhos, e as suas negras mãos reluzentes e callejadas eram sacudidas de um tremor convulsivo.

Comnosco, a sua vida foi quasi feliz. Na cidade, o captiveiro era infinitamente mais brando do que na roça. Aqui, se havia o trabalho sem tréguas, não havia, ao menos, o chicote do feitor. Lá fóra, sim! lá fóra, era a labuta esfalfante do *café*, os dias terriveis sob o sol implacavel, a comida pouca e o castigo muito. Maria, quando eu ás vezes lhe perguntava o que era a roça, ficava calada, olhando o chão, como se estivesse revendo com horror o tormento d'essa vida antiga. Um dia, despio a meio a camisa de algodão grosso, e mostrou-me as costas e o peito. A pelle preta estava de espaço a espaço cortada de largos vergões, cicatrizes, signaes de queimaduras. Eu, com os meus innocentes olhos de seis annos, olhava aquillo sem comprehender. « Como foi isso, mãe Maria ? ». « Maldades dos homens, sinhôsinho, maldades dos homens... ». Certa noite, como ella me contasse uma

historia em que se falava de creanças roubadas aos paes, perguntei : « Você nunca teve filho, Mãe Maria? » A pobre negra limpou uma lagrima, e não respondeo : mudou de conversa, e continuou, com a sua meia lingua atrapalhada,

a contar a historia, — uma d'essas compridas historias da roça, em que ha saciperêrês e caipóras, almas do outro mundo e anjos do céo. E eu olhava-a, com uma secreta mágoa... Não que comprehendesse bem aquillo : mas a minha intelligencia de creança já adivinhava uma parte d'aquella dolorosa vida de captiva.

Como ainda me lembro d'essas noi-

tes!... Era na sala de jantar, que tinha uma grande varanda, deitando para o quintal. Estou ainda vendo o velho sofá de madeira negra em que meu pae dormia a sésta, a longa táboa de engommar em que as mucamas passavam a ferro a roupa branca, e perto da meza em que ardia o grande lampião de azeite, minha mãe immovel e pallida, na sua feia e enorme cadeira de paralytica.

Moça ainda, ficara ella assim, logo depois de ter eu vindo ao mundo. Como a perdi muito cedo, não me lembro bem d'ella: apenas sei que era bonita e que não falava nunca. Olhava para mim, para meu pae, para as escravas, com um olhar apagado, de louca resignada e mansa.

Assim, a velha Maria foi a minha verdadeira mãe. Havia ainda em casa uma senhora edosa, prima de meu pae, que era quem dirigia tudo. Essa, porém, apenas tinha tempo para governar as

escravas, fazer doces, e cuidar das costuras e das roupas engommadas. — Boa mãe Maria! era ella quem me lavava, quem me vestia, quem me aturava... Quando eu não queria obedecer, procurava fingir se zangada, e ameaçava-me: « Nhô Amancio! Nhô Amancio! » E acalmava-me, por fim, promettendo-me uma nova historia. Sentava-se no chão, cruzava as pernas, e começava. Ouvia-se apenas na sala o resonar de meu pae que dormia a sésta, o pigarro da velha prima que cosia, o ruido que faziam os ferros de engommar sobre as táboas, e a voz arrastada de mãe Maria, falando de saciperêrês, de caipóras, de almas do outro mundo e de anjos do Senhor.

Todo aquelle enredo fantastico, em que passavam bruxas cavalgando cabos de vassouras, principes que roubavam princezas, archanjos que desciam do céo para curar as feridas dos escravos no *tronco*, negras aleijadas, que invocavam

o diabo, á meia noite, no meio do matto, e eram afinal arrebatadas por elle, numa nuvem de fogo e enxofre, — tudo aquillo se atropellava na minha cabeça, cançando-me, dando-me arrepios e vertigens de medo.

D'ahi a meia hora, pesavam-me as palpebras. Aos meus ouvidos, a voz de Maria chegava cada vez mais fraca : até que, quasi sumida de todo, parecia vir de longe, de muito longe, vaga e indistincta como um echo. Eu deixava caír a cabeça sobre o seu collo, e dormia. E era ella quem, carinhosamente, me levava para a cama, era ella quem me despia, e, obrigando-me a ficar de joelhos, tonto de somno, me fazia repetir o Padre Nosso, estropiado pela sua lingua de africana.

* * *

Quando tive de ir para o collegio, — um internato serio de onde os alumnos só saíam uma vez por anno, — chorei muito tempo, abraçando mãe Maria, agarrado á sua grosseira saia de riscado azul. Ella chorava tambem, chamando-me *seu filho*, beijando-me, consolando-me :

— Vae, Nhô Amancio ! vae, meu filho ! vae, p'ra ser homem ! vae, Nhô Amancio ! a sua negra velha fica resando a Nosso Senhor ! a velha fica resando !

Pela mão de meu pae, fui pela rua, soluçando, soluçando.

* * *

Oh! os primeiros dias de internato! Que casa! As salas, muito altas e muito claras, tinham um silencio que dava medo. Entre as bancas de estudo, o padre Francisco passeava, batendo com força os tacões dos sapatos, fungando pitadas de rapé. Eu, com a morte na alma, lembrava-me da casa, lembrava-me da varanda que dava para o quintal, de minha mãe immovel na sua enorme e feia cadeira de paralytica, da velha prima que costurava, e de mãe Maria... de mãe Maria! e das suas mãos callejadas e reluzentes! e do seu cabello encarapinhado! e da sua voz! e das suas historias! E as letras do livro iam-se confundindo e dansando, vistas atravez das

lagrimas que me embaciavam os olhos.

Mas, passou a primeira semana, passou o primeiro mez, passou o primeiro trimestre. Criei amisade aos companheiros. E a minha saudade foi diminuindo, diminuindo, diminuindo...

Quando o primeiro semestre findou, já mãe Maria, e a sua face, e a sua carapinha, e as suas mãos, e a sua voz, e as suas historias, me appareciam indistinctamente, como no fundo de um passado remoto. Á noite, quando me deitava, depois do exercicio violento da *cabra-cega* e da *barra*, o somno já não me deixava pensar naquella que ficara resando a Nosso Senhor por Nhô Amancio. Nhô Amancio só se lembrou de mãe Maria quando as ferias chegaram...

« Ah! Nhô Amancio! — dizia a preta chorando, de joelhos, beijando-me as mãos — como Nhô Amancio está crescido e bonito! »

Um anno de collegio bastara para me

transformar. E, agora, eu apparecia á velha ama-secca, como um novo sinhô-moço, — um sinhô-moço que tinha 11 annos, que já sabia ler e escrever, que já se julgava um homem, e que ás historias atrapalhadas e tolas de mãe Maria preferia a malha e a gymnastica.

A vida da casa era a mesma. Apenas mãe Maria, não tendo agora sinhô-moço para crear, passara a tratar da lavagem da roupa.

E era no quintal que estava agora quasi sempre, de saia levantada, patinhando na agua da barréla, indo de coradouro a coradouro, — um pouco mais velha, um pouco mais tropega, mas ainda robusta.

Foi durante essas ferias que se deo o caso, cuja recordação ainda hoje, no fim da minha longa vida, tão cheia de alegrias e de tristezas, é a mais viva das que guardo dentro da alma.

* * *

Uma tarde, mãe Maria lavava roupa no quintal. Desci. Ao fundo, ficavam os cercados das gallinhas. Comecei a atirar-lhes pedras. Mãe Maria protestou logo : « Nhô Amancio ! Nhô Amancio ! que maldade, menino ! deixa os bichos, Nhô Amancio ! » Eu ria, e continuava.

Entre mim e os cercados do

gallinheiro, ficavam os coradouros. As pedras passavam sobre a cabeça da velha.

— « Nhô Amancio! Nhô Amancio! Deus castiga, Nhô Amancio! » — repetia a preta, mas sem gritar, receiando que meu pae a ouvisse. E eu ria, e continuava. Correo então para mim... Eu ria. E as pedras passavam por ella, rentes algumas, na direcção dos cercados.

Não sei como foi... Vi-a cambalear e caír, levando as mãos á cabeça, de onde o sangue corria aos borbotões. Senti no coração uma pancada secca, dolorosa. Uma nuvem de pranto me cresceo nos olhos. Corri para a velha, com a garganta suffocada de soluços.

Uma pedrada lhe quebrara a cabeça: e o sangue ensopava a sua carapinha dura, já quasi toda branca. Principiei a gritar, allucinadamente. E ella, tremula, desfallecida, apertando a ferida com a

mão manchada de vermelho, murmurava :

« *Não grita,* Nhô Amancio! *não grita!* não foi nada! *não grita*, que Sinhô ouve! »

Mas eu gritava. Todo o antigo affecto esquecido renascia alli, diante da minha velha mãe Maria, toda banhada em sangue, ferida por mim. Toda a casa acudira aos meus gritos. Vi junto de nós meu pae, a prima, as escravas. Então tive medo do castigo...

Mas a velha negra já tinha um sorriso nos labios. E, olhando meu pae, que indagava a causa d'aquillo, dizia : « Não foi nada, Sinhô, não foi nada! A negra velha escorregou no sabão, e quebrou a cabeça nas pedras. Mas Nhô Amancio acudiu logo. Não foi nada, Sinhô, não foi nada! »

. . . . . .

Quando, pensada a ferida, eu, a sós com ella, a vi salva e repousada, — caí

nos seus braços, pedindo-lhe perdão, cobrindo de beijos aquella face que me parecia tão bella, tão clara, tão illuminada, como a face de um d'aquelles anjos do Senhor, de que ella me falava nas suas compridas historias da roça. E ella, chorando tambem :

« Que é isso, Nhô Amancio? que foi que mãe Maria fez?... tinha que ver que Nhô Amancio fosse apanhar uma sova por causa do cangalho de uma negra velha!... »

* * *

D'ahi a um anno, quando de novo voltei do collegio, ainda abracei mãe Maria. Vi-a e abracei-a ainda, pelo Natal, dois annos seguidos. Depois... morto meu pae, morta minha mãe,

vendidos todos os escravos da casa, — nunca tive quem me dissesse onde foi dormir o seu ultimo somno a minha velha mãe Maria, alquebrada por quasi um seculo de captiveiro e de trabalho.

A PARTILHA

A PARTILHA

Cantava, e as lagrimas rolavam-lhe em dois fios ao longo da face magra e pallida. Soffria, mas, como era preciso que o pequenino adormecesse, cantava, indo e vindo, devagar, embalando nos braços a creança. O mais velho — tres annos — olhava-a risonho e, de quando em quando, cantarolava: « Estou com fome, mamãe! Estou com fome... »

BIBLIOTECA NACIONAL

E o pequenito, insomne, muito esperto, a boquinha collada ao peito, sugava. « Estou com fome, mamãe... » : cantarolava o outro.

Ia alta a manhã; mas, se o sol alegrava o quintalejo, que tristeza em casa! Viuva, tysica, desfigurada pela molestia e pela fome, timida demais para pedir esmolas, que havia de fazer a desgraçada? « Estou com fome, mamãe » : cantarolava o mais velho.

— Espera, filho! Espera!

Como o pequenino adormecesse, a mãe foi pé ante pé, e deitou-o sobre um fofo colchão de pannos, a um canto da casa : e o mais velho, seguindo-a, cantarolava sempre :

« Estou com fome, mamãe... »

— Não faças bulha, filho : espera. E, acenando-lhe, passou á cozinha. Mas que havia de fazer?

Ardia a derradeira acha : e a mãe, os olhos rasos d'agua, poz-se a soprar a

lenha para atear o lume, emquanto o filho, que se lhe agarrava ás saias, cantarolava: « Minha mãesinha... estou com fome », — mas já contente, vendo que a chaleirinha fumegava. Á meza, porém,

quando a mãe lhe apresentou a tigella e o pedacinho de pão da vespera, o pequeno fitou-a com espanto:

— Só café, mamãe?

— Só, meu filho...

O pequeno, levando a colhér á bocca, foi repellindo a tigella, com um beicinho, prestes a chorar.

— Não chores : olha que vaes acordar o maninho ! Espera !

E, desabotoando o corpinho, tirou o seio farto, pojado de leite e espremeo-o, trincando os labios descorados por onde as lagrimas corriam fio a fio, e, entregando a tigella ao filho : — Toma, e não faças bulha !

E o pequeno, arregalando os olhos, satisfeito : « Agora sim ! » poz-se a cantarolar.

Baixinho, então, a mãe lhe disse : — E não peças mais, ouviste ? o outro é para o maninho. — E foi, pé ante pé, espiar o filho que dormia.

UM HOMEM

UM HOMEM

Desde a vespera, havia grande alegria no collegio. Fechadas as aulas, o saguão estava cheio de canastras e malas, já arrumadas. Pelos corredores, numa vozeria alegre, andavam os alumnos, em grupos. Aquelle severo edificio, que era o terror dos calouros, pelo seu silencio e pela sua tristeza, durante a épocha dos trabalhos, — estava agora transformado. Folhagens de mangueira atapetavam ainda o salão de estudo, cujas paredes desappareciam sob a profusão das bandeiras, das cortinas, dos arcos verdes. Realisara-se alli, na vespera, a distribuição dos premios. Muitos alumnos tinham já partido. Os

que ainda esperavam que os viessem buscar, tinham os olhos brilhantes de alegria e de impaciencia.

Ferias! Ferias! Quando, depois da distribuição dos premios, a sineta do collegio, num repique festivo, annunciou áquelles pequenos corações o fim da sua prisão de um anno, todos elles se dilataram, antegosando já os dias de liberdade e de ventura, que os esperavam em casa, junto das familias, longe da tristeza d'aquelles refeitorios e d'aquelles dormitorios immensos e frios.

Mas, no meio da alegria geral, Jorge, um menino de dez annos, encostado a uma janella, meditava. Recebera os melhores premios. Lá os tinha, cuidadosamente guardados na mala. Lembrava-se das palavras de louvor que ouvira, quando o director lhe entregara os dois livros illustrados e a grande corôa de merito. Mas lembrava-se tambem de que, ouvindo aquelles elogios do mestre e

aquellas palmas enthusiasticas que saudavam o seu triumpho, sentia o coração apertado, cheio de uma grande tristeza, e sómente a custo continha as lagrimas que lhe cresciam nos olhos. Todos os outros, voltando de receber os premios, passavam entre os companheiros com a face corada de orgulho. Jorge, porém, ficara triste. E triste estava ainda agora, mais triste do que, se, tendo recebido reprehensões em vez de premios, fosse apontado como o mais vadio do anno.

Ninguem viera assistir á sua victoria... Nos outros annos, vinha sempre seu pae, um velho que chorava como uma creança, quando beijava o filho, ao fim d'esses dez mezes de separação. E Jorge lembrava-se das perguntas sem conta que lhe fazia então, das noticias que pedia da mamãe, e da maninha, e dos animaes domesticos, e dos creados, e de toda aquella vida da casa, tão conhecida e tão profundamente amada...

Mas, d'esta vez, ninguem viera. Pela primeira vez, passara Jorge, no immenso e frio dormitorio do collegio, essa primeira noite de ferias, que costumava ser a primeira noite de sua felicidade annual.

E ninguem vinha! Todos os companheiros saíam. No saguão, iam diminuindo as rumas das malas e das canastras. Poucos alumnos restavam... Ninguem vinha! — Jorge fechou o rosto nas mãos e desatou a chorar.

De repente a voz de um bedel gritou :

— Numero 36!

Era elle! Jorge voltou-se, de um salto, correo, já certo de ir ver o pae, já esquecido do quanto soffrera, já prompto para se atirar, como um louco, de encontro ao peito do velho. Mas deteve-se, assustado. Quem o vinha buscar

era um desconhecido, — um homem alto e magro, de physionomia dura, de gestos seccos, e de poucas palavras. Jorge despedio-se do director, e saío com elle. Quiz interrogal-o. Soube apenas que o

pae adoecera, e mandara pedir ao seu correspondente no Rio de Janeiro que se encarregasse de mandar para a roça o menino. Mais nada.

E nessa noite, num escuro e feio quarto de casa de commercio, Jorge não dormio. Sentia-se tão só! tão só! Um presentimento cruel lhe enchia a alma de

terror. E, de madrugada, quando o vieram chamar para tomar o trem, elle ainda soluçava com a cabeça enterrada no travesseiro.

Com que alegria fizera em outros annos essa viagem! O trem voava, allucinadamente... Mas Jorge ainda o amaldiçoava, achando-o lento e aborrecido. E, respirando o ar fresco da manhã, vendo as montanhas que pareciam galopar em sentido opposto ao do trem, pensava nos beijos com que cobriria a face da mamãe, e no rodopio de jubilo supremo em que arrastaria a irmã, e nos dias calmos que se seguiriam....

Mas, nesta triste madrugada, até o céo era outro.

Chovia. Uma grande mágoa cobria e afeiava a natureza.

As arvores, molhadas, gottejantes, vistas de relance, parecia que choravam. Jorge, cançado da noite de insomnia, adormeceo, ao lado do caixeiro da casa

commercial, que fumava, indifferente, lendo um jornal.

Houve uma parada brusca do trem. O menino acordou. O caixeiro sacudia-o. Tinham chegado. E foi com o coração batendo precipitadamente que Jorge subio para o *troly* que o esperava na estação, e fez a viagem, por aquella estrada tão conhecida, — entre arvores familiares que guardavam em cada folha uma recordação.

Na porteira da fazenda, ninguem o esperava. A cancella rangeo soturnamente, surdamente... Aquella cancella! aquella cancella de traves pintadas de verde, atravez das quaes, nos outros annos, costumava elle ver o rosto ancioso da mamãe todo illuminado de um sorriso, e a cabeça fulgurante da irmã em que os cabellos louros brilhavam como o resplandor de um anjo!...

Entrou. Dentro do seu coração de creança, já a verdade terrivel estava pal-

pitando. Já o seu cerebro de dez annos adivinhara tudo... Por isso não teve uma palavra, quando vio, toda coberta de luto, a mamãe que lhe abria os braços chorando. Precipitou-se nesse adorado seio, tremendo, com soluços que o afogavam. E, como, ao seu lado, a maninha tambem chorava, Jorge, como um homem feito, começou a acariciar-lhe a face, dando-lhe beijos, dizendo-lhe palavras doces, que, d'ahi a pouco, faziam a menina sorrir, na sua inconsciente alegria de seis annos...

O pae morrera. Toda a casa tinha ainda o pavor e o espanto d'esse desastre recente. Jorge foi buscar, dentro da mala, os seus premios, — os dois livros grandes, ricamente encadernados, e a grande corôa de merito.

Foi até o gabinete do pae. Lá estava a sua secretaria, larga e severa. Sobre ella, pregado á parede, o retrato do velho sorria. Jorge collocou sobre a meza as recompensas de seu trabalho, como se quizesse mostrar ao retrato do pae que não desprezara os seus conselhos.

Mas voltou-se, ouvindo um barulho de choro. Era a mãe que entrava, toda de luto, e que o abraçava, dizendo :

— Não temos mais ninguem, meu filho! não temos mais ninguem neste mundo!

Jorge aprumou o corpo, e, com os olhos enxutos e a bella face tranquilla, perguntou :

— E então eu, mamãe? e então eu não sou um homem?

E havia na face e na voz d'esse menino de dez annos uma tal resolução e uma tal coragem, que a velha senhora, já sem chorar, teve nos labios um sorriso de orgulho. Beijou a testa do filho. E

traçando, com a mão direita, sobre elle, uma cruz, murmurou :

— Tu és um homem, meu filho! Deus te abençoe, meu filho!

O « CABEÇA DE FERRO »

O « CABEÇA DE FERRO »

Nesse anno de 1782, em Minas, no mesmo lugar em que assenta hoje a cidade de Diamantina, as auctoridades de Portugal, monopolisando para a Corôa Portugueza o commercio dos diamantes, eram implacaveis no seu despotismo.

Entre os trabalhadores empregados na extracção, a miseria era grande. Quasi todos escravos, soffriam fome, emquanto pelas suas mãos passavam milhões de pedras, que valiam quantias assombrosas, e iam enriquecer o thesouro portuguez.

O trabalho era duro. Primeiro era preciso descobrir o trecho do rio, em cujo

fundo se esperava achar a jazida. Cavava-se ao lado d'elle um valle, forrado de táboas unidas e calafetadas : Cercava-se depois o rio : desviavam-se as suas aguas para o valle. Então, seccava-se o leito assim descoberto. Quebravam-se as rochas que o forravam, tirava-se a camada inutil de terras e areias : e via-se logo, sob a forma de um cascalho feio e grosseiro, a preciosa mina, em que dormiam as grandes e rutilantes pedras preciosas. Muitas vezes, o trabalho ficava perdido : não se encontravam dia-

mantes na porção explorada do rio, e era preciso recomeçar mais longe a mesma dura tarefa.

Tratados com um rigor intoleravel, privados de tudo, soffrendo pela menor falta castigos horrorosos, trabalhando sem cessar de sol a sol, os desgraçados entendiam-se com os contrabandistas, a quem vendiam os diamantes que furtavam. As auctoridades condemnavam sem processo os accusados d'esse crime. Os contrabandistas, que eram conhecidos pelo nome de *garimpeiros*, eram perseguidos sem tréguas pela tropa. Ás vezes, desesperados, acossados pela patrulha da metropole, os garimpeiros organisavam guerrilhas e resistiam. Corria o sangue de parte a parte.

Os escravos suspeitos eram condemnados á morte, summariamente. Não se abriam devassas. Não se admittiam defezas. Bastava uma simples desconfiança, bastava uma simples denuncia. Alguns,

amarrados a troncos de arvores, eram surrados até morrer; outros acabavam crivados de balas; outros expiravam de fome, no fundo de masmorras sem ar.

Em 1782, era Intendente dos Diamantes José de Meirelles, homem cruel que conseguia ser ainda mais tyranno do que os seus antecessores. O povo dava-lhe o nome de *Cabeça de Ferro*. Violento, fez pesar sobre Minas a sua maldade. Quem por esse tempo viajava pela região, que ficava sob o dominio do Cabeça de Ferro, via, de espaço a espaço, corpos no chão, varados de tiros de espingarda, cadaveres de enforcados oscillando nos galhos das arvores. Eram as victimas do Intendente.

Mas não eram sómente os suspeitos do crime de contrabando que soffriam o peso do seu odio. Bastava ter pena do soffrimento dos pobres escravos, para ser

considerado cumplice d'elles. A cadeia do arraial estava constantemente cheia de innocentes, cujo crime unico era o ter dado um pedaço de pão a um trabalhador faminto. O Cabeça de Ferro era omnipotente. Quem ousava contrarial-o, se escapava da morte, era degredado para a Africa, e deixava a familia na miseria, porque todos os seus bens eram confiscados para o Estado. E, quando o Intendente atravessava o povoado, arrogante, de sobrecenho cerrado, seguido da multidão dos seus guardas armados, o terror corria as ruas. Portas e janellas fechavam-se. Nenhum olhar se atrevia a fitar o olhar do orgulhoso Senhor, que tinha nas mãos o destino de todo o povo.

Essa tyrannia já durava tres annos, quando, por occasião de se celebrar uma festa religiosa no arraial, veio para prégar o sermão, na Villa do Principe, um sacerdote modesto, — homem de rara vir-

tude, cuja palavra ardente estava sempre cheia de bençãos para os humildes e de maldições para os orgulhosos. Era o vigario Brandão. Ninguem imaginaria, vendo-o pequenino, fraco, de olhos postos no chão, tão pobremente vestido que causava dó, ser aquelle o homem que nunca receiara dizer a Verdade, por terrivel que fosse, aos grandes da terra. O povo, quando o vio chegar, acolheo-se sob a sua protecção.

O vigario vio os arredores do povoado cobertos de cadaveres sem sepultura; vio as casas dos suspeitos incendiadas por ordem do Intendente; vio a cadeia cheia de infelizes, que gemiam sob o peso dos ferros, victimas quasi todos de accusações infundadas; vio o pavor que affligia toda a gente: e, com palavras duras, que o amor da justiça inspirava, intimou o Cabeça de Ferro a respeitar as leis da Humanidade. O Intendente sorrio. E a sua crueldade augmentou.

Chegou o dia da festa.

A egreja, cheia de povo, resplandecia de luzes. Quando o vigario ia falar, entrou o Intendente; seguia-o a sua guarda: e o implacavel tyranno, arrogante, caminhava de olhos erguidos, dominando com a sua presença temerosa a multidão que tremia.

O vigario começou a falar. A sua voz clara e colerica, tinha uma magestade divina. Falou dos magistrados que apenas para opprimir os pequenos e os pobres sabiam usar do poder que a vontade de Deus lhes confiara.

O seu olhar não se afastava do ponto em que estava o Intendente, e o seu gesto, dirigido para elle, apontava-o como o causador da desgraça das familias condemnadas á orphandade e á fome; lançava-lhe em rosto o assassinato frio de tantos innocentes; condemnava-o a vagar sósinho na terra, fadado a uma velhice de angustias e de remorsos, para pagar

a sua deshumanidade: e descrevia, ao vivo, o soffrimento dos que jaziam no fundo das masmorras escuras, dormindo sobre a lama, gemendo de sêde, com os corpos chagados pela pressão das cadeias de ferro...

O povo todo, immovel de assombro, diante de tamanha audacia, escutava em silencio. O Cabeça de Ferro, com as faces accesas de colera, tremia na sua cadeira. Levantou-se, cruzou os braços, e encarou o prégador.

Durante minutos, que pareceram seculos, esses dois homens, — um, todo poderoso, temido, rico, armado, cercado de tropa, representando a auctoridade despotica de El-Rey, — e o outro,

fraco, pobre, sem armas, sem soldados, tendo apenas por si a Verdade, — longamente se fitaram em silencio. Foi o homem poderoso que cedeo.

O Intendente baixou os olhos, com todo o corpo abalado de um tremor convulsivo. O povo murmurava. E o padre, sem tirar os olhos do criminoso, clamava :

— Ministro de Satanaz ! como aferrolhas miseros innocentes nesse horrivel calabouço, quando o seu crime só foi terem tirado da terra os thesouros que a Providencia ahi occultou, para que egualmente a todos os homens servissem ? Um dia, a innocencia clamará contra ti, no tribunal divino, longe das paixões do mundo : e a maldição de Deus pesará sobre a tua cabeça !

Houve um movimento geral na multidão. Viram todos que o Intendente, de cabeça baixa, tremulo e abatido, se encaminhava para a porta da Egreja. Se-

guiam-no os soldados da sua guarda : e o povo abria alas para deixar passar, humilhado como um réo, aquelle que, havia pouco, passara sobranceiro como um deus.

Houve ainda quem temesse que, ao saír d'alli, o Cabeça de Ferro fosse preparar a sua vingança contra o atrevido que o injuriara, cobrindo-o de opprobrio e de vergonha.

Mas, no dia seguinte, soube-se no arraial, com allivio, que todos os que estavam presos injustamente tinham sido postos em liberdade ; que os cadaveres que jaziam nos arredores sem sepultura, servindo de pasto aos corvos, tinham sido enterrados ; e que a sorte dos criminosos, nos calabouços, tinha sido suavisada. E, de então por diante, todo o povo respirou, vendo o Intendente reconciliado com a justiça e com a humanidade.

Porque, quando o amor do Bem e

da Verdade palpitam na voz humilde de um justo, essa voz, por si só, é bastante para illuminar e purificar a alma endurecida de um tyranno...

A PATRIA

A PATRIA

O pae, velho soldado que a vida das guerras alquebrara, gostava de lembrar, á noite, quando toda a familia se reunia na sala de jantar em roda da grande meza antiga, os episodios das campanhas que vira.

A mulher não ouvia com prazer aquellas historias de cargas de cavallaria, de emboscadas, de assaltos, tão cheias de sangue e de horror. Quando o velho recordava aquelle tempo, com os cotovellos na meza e o cigarro no canto da bocca, — ella revivia a angustia dos dias passados na solidão, sem noticias do marido que lá andava pelo Paraguay. Via

toda a agonia d'aquelles seis annos de sobresalto e choro, d'aquellas noites em que não podia dormir sem ver em sonhos o marido estendido, retalhado de golpes, numa poça de sangue, sem confissão e sem um carinho, entre os montões de cadaveres, sobre os quaes passavam, sem respeito, as patas dos cavallos, no ardor da batalha. Lembrava-se da anciedade e do medo com que esperava o correio,

naquellas amaldiçoadas tardes de desespero. Quando não vinham cartas, logo a sua alma adivinhava desgraças. Imaginava o marido prisioneiro, entre os paraguayos, soffrendo tratos duros, chorando lagrimas de vergonha e de raiva. Quando o carteiro lhe entregava um *enveloppe* fechado, — quantos minutos ficava ella a mirar e a revolver nas mãos aquelle pedaço de papel que vinha do querido ausente, e que tinha recebido os seus beijos e as suas lagrimas de saudade!

Por fim abria a carta. A principio não podia ler.

As letras se baralhavam, atrapalhadas. Tremia-lhe nos dedos o papel. Tinha de repousar um pouco: e, quando conseguia terminar a leitura, ficava abatida e sem consolo diante d'aquellas noticias que não variavam nunca. Era sempre a mesma cousa: não se sabia quando acabaria a guerra; mas Deus velava por

elle; era preciso assegurar, conquistando um bom posto, um futuro feliz para os filhos; além d'isso a Patria estava acima de tudo...

Ella amarrotava a carta... A Patria! que era a Patria, para valer mais do que ella, mais do que aquellas duas creanças, que dormiam alli, estreitamente unidas, num só berço pequeno, — pobres innocentes que talvez a essa mesma hora já estivessem sem pae? Ia então contemplar os filhos, e alli ficava chorando, horas inteiras...

Quando o pae voltou da guerra, vinha major. Fôra ferido. Perdera uma perna. A mulher abençoou

essa desgraça. Ao menos, assim mutilado, ficava elle posto á margem, dispensado de voltar á mesma existencia de perigos e canceiras. Podiam viver modestamente com o seu soldo. Qualquer outro trabalho leve de que se pudesse encarregar, dar-lhe-ia o sufficiente para educar os filhos. Carlos, o mais velho, preparar-se-ia para qualquer profissão honrosa e tranquilla (nunca a profissão do pae) : — e Alice, a mais moça, casaria, seria feliz... E a boa mãe já sorria, prevendo para a sua velhice essa felicidade absoluta : toda a familia reunida, calma e livre de desgostos, numa vida sem luxos mas sem privações...

Agora, porém, quando o velho major, durante os serões domesticos, começava a contar os seus episodios de campanha, a mulher estremecia. Recordava-se dos soffrimentos passados, e anciosamente olhava o filho, Carlos, já mocinho de 12 annos, que escutava o pae, abrindo

muito os olhos, em que o prazer de ouvir aquellas façanhas accendia um brilho de febre.

O velho falava. Contava como, um dia, sorprehendidos por mais de cem paraguayos em uma emboscada, elle e mais dezenove brasileiros se tinham defendido como leões, conseguindo, por um milagre de intrepidez e de calma, destroçar os inimigos. No enthusiasmo da narração, o velho transfigurava-se. O seu braço, estendido no ar, indicava os golpes de espada. A sua voz imitava, ora o ruido continuo e secco da fusilaria, ora o estrondo rouco dos canhoneios. Diante d'elle, Carlos, tambem transfigurado, bebia as suas palavras, com inveja, respirando a custo, agitando-se na cadeira. Alice, que tinha então 10 annos, admirava o pae e o irmão : e os seus olhos espantados, dilatados pelo medo que lhe faziam essas cousas de guerra, iam do velho ao menino e do menino

ao velho. E a mãe quasi rebentava em soluços, vendo a alegria do filho.

Era aquelle, ha muito tempo, o seu maior receio... Pobre mãe! Desde o tempo em que, pequenino, Carlos, como as outras creanças, apenas devia pensar em bonecos, — o menino manifestava uma grande predilecção pelas cousas da vida militar.

Ficava horas inteiras contemplando as fardas do pae: e, á noite, deixando de estudar, fechando sobre a meza as suas grammaticas e os seus diccionarios, era elle o primeiro a pedir ao velho mais uma d'aquellas narrações que o embriagavam. Ás vezes ia a mãe sorprehendel-o, na sala de visitas, extasiado diante do pequeno armario envidraçado, onde o major guardava as reliquias de sua gloria: a espada, as dragonas, as medalhas de ouro e bronze, as condecorações esmaltadas, e, entre esses attestados da sua coragem, a bala que lhe atra-

vessara a perna, no combate de Humaytá.

Quando foi preciso escolher uma carreira, Carlos, sem hesitação, declarou que queria ir para a Escola Militar. O velho exultou. A mulher, resignada, não teve um protesto.

Os annos correram. Alice, já moça, casou com um militar. E a boa senhora vio assim toda a sua familia submettida áquella existencia que odiava.

Uma noite, conversavam os dois velhos, sós, naquella mesma sala de jantar em que tinham feito explosão os primeiros enthusiasmos de Carlos. Falavam do filho. — Não te afflijas, mulher! — dizia o major. — Hoje, anda tudo em paz. O

Brasil nunca mais terá guerras : Isto é uma geração de *mollengas*. Que perigo corre o nosso rapaz ? Formar-se-á em engenharia militar, terá bons empregos, e morrerá de velhice. Não te afflijas, que o Brasil nunca mais terá guerras !

Neste momento, bateram á porta. Vinham dizer á familia que Carlos morrera, victima de um desastre, na Escola. Experimentava uma espingarda. Puxou o gatilho, julgando que a arma estivesse descarregada. Havia dentro uma bala, que lhe varou o peito.

O major sobreviveo pouco a esse desastre. Morreo um anno depois. E a viuva concentrou toda a sua affeição num neto, filho da Alice. E um dia, vendo esse pequenino de cinco annos brincar, fingindo de soldado, com uma barretina de papel e uma espada de páu, a velha murmurou :

— Tambem este ama a vida de soldado!... Será o que Deus quizer !

O « RATO »

O « RATO »

Vivia de esmolas num estreito e humido quarto de estalagem, onde mal cabiam os moveis : a cama onde jazia prostrada pela molestia, uma pequena meza, duas velhas cadeiras e uma arca Acompanhava-a o filho, um rapazola de nove annos, sadio e robusto, de uma tal viveza que todos na estalagem não o conheciam senão pela alcunha : *o Rato*.

Era um dos primeiros que acordavam e, ainda escuro, fazia toda a limpeza do aposento, mudava a agua nas bilhas, deixava ao alcance da mão da paralytica a cafeteira e o pão, e saía cantarolando. Saía, porque a mãe, julgando-o ainda

tenro e fraco para o trabalho e não dispondo de recursos para manter-se, pedira um attestado ao medico que, por misericordia a tratava, e, entregando-o ao pequeno, dissera : — Vae e fica á porta das egrejas : e aos que passarem mostra esse papel e pede uma esmola para tua mãe.

O pequeno saío, e, á noite, tornando a casa com algumas moedas, entregou-as á mãe; mas, no mesmo momento, rom-

peo em pranto, atirando-se, soluçante, sobre a velha arca.

A paralytica, attribuindo a angustia da creança á escassa quantia que trouxera, procurou palavras de consolo : — Não chores, meu filho. Has de ser mais feliz amanhã; o que trouxeste basta para passarmos o dia. Deus será por nós. Não chores.

O pequeno, porém, longe de consolar-se, affligio-se ainda mais; e, á noite, a paralytica que velava ouvio ainda durante algum tempo os soluços do filho. De manhã, porém, cedo, como de costume, levantou-se, e, depois do serviço, foi beijar a mão á velha enferma, e partio.

Era tarde, quasi dez horas da noite, quando o *Rato* appareceo na estalagem cantarolando. A mãe, que passara o dia cheia de cuidados, mal o vio entrar falou com certa severidade :

— Ah! meu filho, a que horas vens?

Muito deves ter esmolado para que só ás dez horas da noite voltes a casa!

O *Rato*, porém, risonho, beijou a mão da enferma, e logo, mettendo as mãos nos bolsos, poz-se a tirar moedas e notas atirando tudo para cima da cama. A paralytica, sorrindo, disse:

— Então, bem te disse eu que hoje havias de ser mais feliz, meu filho...

— Sim, minha mãe, fui muito mais feliz, principalmente porque ninguem me injuriou.

— Como! pois houve alguem que te injuriasse, filho?

— Sim, minha mãe, hontem. Como a senhora me havia ordenado, fui ficar á porta da egreja. Quando cheguei, já havia lá muitos pobres, uns cegos, outros aleijados; metti-me entre elles e logo começaram as injurias, porque eu era uma cre-

ança sadia e forte que ia para alli vadiar, quando podia estar empregando o meu tempo em alguma cousa util. Uns mandavam-me para a escola, outros para a officina; e, se apparecia alguem, vendo-me avançar com o papel na mão para pedir, empurravam-me, davam-me beliscões, e um atirou-me uma bordoada ás pernas com a muleta.

« Tudo isso, porém, fazia-me rir; o que me fez chorar foi o que me disse um velho que levava um pequeno pela mão, um pequeno do meu tamanho.

« Quando eu lhe pedi a esmola, elle olhou-me carrancudo, metteo os dedos no bolso do collete, tirou um nickel e ficou algum tempo a olhar-me; depois vagarosamente guardou a moeda e, puxando o menino, disse baixinho : — Verás, vae d'aqui direito para a taverna... — O pequeno, mamãe, olhou-me de tal modo, que eu senti o sangue subir-me ao rosto e as lagrimas saltarem-me dos

olhos. Vendo-me chorar, o pequeno teve pena de mim e falou ao pae. Pararam, e eu enxugava os olhos, quando ouvi a voz do menino : — Toma ! — Olhei, e vi que elle me estendia a moeda. Estive para recusar, mas olhava-me com tanta meiguice que não tive animo. Recebi-a, agradeci e guardei-a. Logo, porém, que os vi entrar na egreja, tirei-a do bolso, dei-a a um velho cego que estava sentado perto de mim, e desci. Desci os degráos, disposto a voltar para casa, mamãe, mas lembrei-me de ti, lembrei-me de que nada havia em casa e pensei em pedir trabalho em algum lugar...

« Foi então que encontrei o Vicente com um maço de jornaes, apregoando. Pedi-lhe alguns e, fazendo como elle, fui vendendo, e, com tanta felicidade, que não me ficou um só. Elle, então, ficou de arranjar-me

maior quantidade para hoje e não mentio.

« Passei o dia todo vendendo jornaes, primeiro os da manhã, depois os da tarde; e á noite o Vicente convidou-me para acompanhal-o até a porta do Lycêu, onde aprende, e onde eu quero que mamãe me faça entrar, para que eu não ande a pedir aos outros que me ensinem a apregoar as noticias dos jornaes. Hoje ganhei mais do que hontem : e estou contente, mamãe, porque ninguem me tomou por um vadio.

« Quando eu fôr mais forte, irei para uma fabrica, e tu não terás necessidades, nem ninguem me falará mais com o despreso com que me falou o velho que me julgou tão mal... »

A paralytica, com os olhos rasos d'agua, tomou a cabecinha loura do filho junto ao collo, e, beijando-a, disse commovidamente :

— Fizeste bem, meu filho ; fizeste bem : a humilhação é a peior das affrontas. Fizeste bem, meu filho, e eu te abençôo.

O RECRUTA

O RECRUTA

Era um rapaz de vinte e dois annos, creado á solta, no campo. Desde pequenino, habituara-se á vida ao ar livre. Mal rompia a aurora, já elle andava, ao sol e á chuva, descalço, pulando e correndo, como um cabrito montez. Aos oito annos, já montava em pello os cavallos mais bravos. Com essa existencia de exercicios fortes, fizera-se um collosso. Tinha a face corada, os cabellos negros e duros,

uma musculatura possante, espaduas largas, pulso capaz de abater um touro com um socco.

Não aprendera a ler. Fôra creado para, de enxada em punho, luctar com a terra, para lidar com os bois, para arcar com os trabalhos fortes da lavoura. Nada tinha de seu. O pae, ao morrer, deixara-lhe, como unica herança, a saude, a força e uma enxada. E era com isso que elle vivia, indo de roça em roça, á procura de emprego. E empregos nunca lhe faltavam, porque não havia, em toda aquella redondeza, quem com mais justiça ganhasse o pão de cada dia. Era sempre o primeiro a saír para o trabalho, e o ultimo a recolher.

Nunca ninguem o vira triste. Com o grande chapéo desabado, atirado para a nuca, ou estivesse curvado sobre a terra cavando-a, ou pela estrada, ao sol ardente, viesse, de aguilhada em punho, guiando os bois morosos, — o Anselmo

cantava sempre, com a sua larga voz alegre, que animava os companheiros, e tornava mais leve a canceira da tarefa. Os velhos, quando o viam passar, perguntavam sempre : « Como vae essa mocidade, Anselmo ? » E não havia quem o não amasse.

Tambem, não tinha dinheiro junto. O que ganhava gastava. Ninguem como elle sabia, nas noites de festa, tirar da viola as modinhas ternas. E era feliz, sem ambições, contentando-se com tão pouco.

Quando chegou ao sertão a noticia da guerra do Paraguay, o terror ganhou toda aquella gente simples, para quem o mundo se limitava áquellas léguas de terra, de cujos limites nunca havia saído. O recrutamento ! — falava-se nisso, como na morte, com espanto e medo.

Dizia-se que ninguem seria recrutado. Mas a alma desconfiada do *caipira* bem adivinhava que essa declaração das aucto-

ridades era uma astucia... Soube-se um dia que chegara ao lugar um destacamento de soldados, commandados por um cabo. Houve quem fugisse. Anselmo não fugio. Mas quando se vio recrutado, um desespero terrivel lhe encheo o coração.

Não era covarde! Muitas e muitas vezes, elle, sósinho, luctara contra dois e tres... Nas brigas de arraial, nunca fugira das facas, que allumiavam na escuridão. Não sabia de perigo que o amedrontasse. E costumava dizer que só tinha medo de si mesmo, d'aquelle genio arrebatado, que não aturava affrontas. Não era covarde, não : o que o desesperava era o abandono forçado d'aquella existencia, em que nascera e crescera, o apartamento d'aquelles lugares amados, d'aquelle trabalho que era um habito velho, d'aquella gente toda que era a sua familia, a sua gente, o seu povo. Para a sua alma inculta e primitiva de filho da roça, a Patria

não era o Brasil : era o pedaço de terra que elle regava com o suor de seu rosto. Fóra d'aquillo não havia mais nada. Que tinha elle com o resto do mundo? Porque havia elle de vestir uma farda, e ir morrer abandonado e desconhecido, sem uma amisade, sem uma sympathia, numa terra estrangeira, por causa de gente que nunca vira, por causa de questões que não entendia e que não eram suas?

Nunca saíra do seu sertão. Aos vinte e dois annos, ainda não imaginava o que seria o mar. Se os paraguayos viessem até suas roças, então sim : elle e os outros saberiam repellir os invasores; seria o seu dever, a defesa do seu ganha-pão, do seu trabalho, dos seus habitos. Mas, ir defender a Côrte, ir defender o Sul, ir defender o Imperador!... que tinha elle com tudo isso?

Todas essas reflexões lhe passavam pela cabeça, á noite, recolhido, com uma duzia de outros, á cadeia do lugar,

como se fosse um criminoso... E já, antes de partir, tinha saudade d'aquelle céo querido, d'aquelles mattos tão conhecidos, d'aquella gente com quem se creara. E tinha medo, — tinha medo, elle tão valente! — de morrer crivado de balas paraguayas, longe dos seus... Depois, ao seu caracter independente, á sua alma livre repugnava a escravidão da vida militar. Não ter vontade propria, ser governado como uma machina, caminhar para a morte ao simples aceno de um chefe, sem ver a utilidade d'esse sacrificio, — tudo lhe parecia uma grande desgraça e uma terrivel injustiça.

No dia seguinte os recrutas seguiram para o Rio de Janeiro. Havia pressa. A guerra ia accesa no Sul, e o Brasil precisava das vidas de todos os seus filhos. Os companheiros de Anselmo iam, como elle, com a alma enlutada de tristeza. Tambem, como elle, não comprehendiam a violencia do recrutamento, nem reco-

nheciam á Patria o direito de assim se apoderar da sua mocidade, para a atirar aos horrores do campo de batalha.

Triste viagem! Alguns, homens feitos, robustos e valentes,

choravam como creanças. A gente do lugar assistio á partida. Havia mães que amaldiçoavam a guerra, gritando, torcendo os braços desesperadamente. Havia noivas que desmaiavam. Quantos d'aquelles recrutas voltariam?...

A chegada ao Rio de Janeiro foi uma tortura. Os recrutas estavam tontos, com

aquelle barulho, com aquelle movimento. Como estava longe a tranquillidade da vida rustica! E que rigor, e que tormento no quartel! Na primeira noite, quando se vio, já fardado, estendido sobre a dura táboa da tarimba, Anselmo teve uma revolta.

Sentio desejos de fugir d'alli, ainda que para isso fosse preciso matar alguem. Agitava-se, sacudia-se, mordia os pulsos, afogava na garganta os gritos de colera e as imprecações. Porfim, essa crise terminou por um choro convulsivo. Dormio, cançado: e ainda era noite escura, quando o acordou um toque de clarim. Era a hora do primeiro exercicio.

Começou então a sua aprendisagem militar. O official inferior, que commandava as manobras, era brutal. A sua voz tinha asperezas que offendiam como bofetadas. Quando um dos recrutas errava, dizia-lhe palavras duras, insultos pesados. Uma vez, como Anselmo não o ou-

visse, porque estava pensando na sua roça tão calma e tão bonita a essa hora de sol ardente, o official deo-lhe no peito, com a folha da espada, uma pranchada forte. O rapaz sentio o sangue subir á cabeça. Mas a infelicidade já o tornara submisso. Conteve-se, e obedeceo.

Já no terceiro dia, porém, sentio-se mais resignado com a sua sorte. Familiarisara-se com os exercicios. Já se ia habituando ao rigor da disciplina. Já se interessava pelas manobras. Já prestava attenção ás vozes de commando. Já ia comprehendendo que, sem a brutalidade do commandante, nada se poderia conseguir de homens como elle, que nunca tinham visto aquillo, e cuja intelligencia era refractaria á comprehensão d'aquellas palavras e d'aquelles movimentos calculados.

Depois, no quartel, começou a conviver com os soldados antigos. Tomou parte nas conversas, que se travavam no « corpo

da guarda ». E principiou a operar-se no seu espirito uma transformação radical. A convivencia fazia-o sentir por aquelles homens um affecto de irmão. E tanto ouvia amaldiçoar os paraguayos, que principiou a amaldiçoal-os tambem, odiando-os de longe. Via agora bem o engano em que estava, quando acreditava que a Patria era o seu sertão, e nada mais. Aqui, tão longe do sertão, vinha achar o mesmo céo, a mesma lingua, quasi os mesmos costumes. Em torno d'elle, só se falava na guerra. Lopes era odiado. Lopes apparecia aos seus olhos como um monstro, cuja unica occupação era matar e torturar os brasileiros. E um dia, Anselmo sorprehendeo-se a dizer, com os olhos brilhantes de odio : « Ah ! quando chegará o dia de irmos dar cabo d'aquelle malvado !... »

O dia chegou. O seu batalhão ia partir. Dia de sol. Ninguem reconheceria naquelle esbelto moço que alli ia, mar-

chando com garbo entre os outros, o bisonho caipira, que tanta repugnancia tinha outr'ora pelas cousas da guerra. Anselmo marchava. E, ao compasso da marcha, ia cantando

baixinho, entre dentes, uma d'aquellas mesmas alegres modinhas da roça, que a sua voz soltava na immensa extensão dos campos, quando, curvado sobre a terra, a cavava, ou quando, pela estrada, ao sol ardente, vinha, com a aguilhada ao hombro, guiando os bois morosos.

As ruas estavam cheias de povo. Das janellas, senhoras acenavam com os lenços. Uma banda de musica precedia o

batalhão. Tocava uma marcha de guerra. Os instrumentos de metal gritavam alto, entre as pancadas seccas dos tambores. Que sol! Que enthusiasmo! Anselmo tremia. Parecia-lhe que o inimigo estava alli perto, ao alcance da sua espingarda: parecia-lhe que ia encontrar, ao dobrar uma esquina, os exercitos paraguayos. E ambicionava caír immediatamente em pleno combate.

No cáes, a multidão abria alas. E quando o batalhão estacou, quando se calou a musica, o povo prorompeo em vivas. Á espera, perfilados, muitos officiaes, cujas fardas, cobertas de galões, brilhavam ao sol, examinavam a tropa disciplinada, bem disposta, garbosa no seu fardamento novo. De repente, a musica tocou os primeiros compassos do hymno nacional. Um vento brando, vindo do mar, agitou a bandeira brasileira, que estava no centro de um pelotão. A bandeira desdobrou-se, palpitou no ar, es-

palmada, com um meneio triumphal. Parecia que o symbolo da Patria abençoava os filhos que iam partir, para defendel-a.

E, então, alli, a idéa sagrada de Patria se apresentou, nitida e bella, diante da alma de Anselmo. E elle, comprehendendo emfim que a sua vida valia menos que a honra da sua nação, pedio a Deus, com os olhos cheios de lagrimas, que o fizesse um dia morrer gloriosamente, abraçado ás dobras d'aquella formosa bandeira, toda verde e dourada, verde como os campos, dourada como as madrugadas da sua terra.

O VELHO REI

O VELHO REI

Houve, em tempos que já vão longe, um rei poderoso, senhor de muitos povos e de muitas léguas de terras. Ainda que viajasse sem cessar por muitos e muitos annos a fio, não conseguiria elle correr todos os seus dominios. E todos os povos o temiam, porque era conhecida de todo o mundo a fama das suas riquezas.

De mez em mez, chegavam ao seu palacio os emissarios dos subditos, trazendo-lhe, com as homenagens d'elles, os presentes riquissimos : marfim e perolas, ouro e diamantes, sedas e rebanhos. E os seus celleiros estavam tão abundantemente providos de grãos, que elle poderia, numa épocha de fome geral, abrindo-os a todos os seus vassallos, que não tinham conta, alimental-os fartamente durante todo um anno.

Esse poder sem limites e essa riqueza sem termo haviam embriagado a alma do velho rei. Já se não suppunha homem, mas Deus. Tanta gente via, a seus pés, adorando-o, que o seu coração se habituara a despresar a humanidade, imaginando que ella só fôra feita para o servir e temer. Só se lembrava dos subditos para os opprimir. Augmentava os impostos e alargava as prisões. E a sua mão direita, que tanta gente podia fazer feliz, distribuindo esmolas e bençãos, sómente ser-

via para assignar sentenças de morte. Condemnava á pena ultima cem homens, sem ler ao menos os seus nomes. E, se os lia, esquecia-os d'alli a um minuto, para só pensar na febre de festas e de loucuras, em que empregava as noites e os dias, e em que perdia a saude e a alma.

E succediam-se as festas. Do escurecer ao alvorecer, o seu palacio, immenso como uma cidade, sumptuoso como um templo, resplandecente de luzes como um céo estrellado, echoava o barulho das danças, da musica e do tinir dos copos.

Um dia, no esplendido terraço em que costumava dormir a sésta, o velho rei tinha diante de si uma lista de accusados. Não sabia nem queria saber quem eram, se eram innocentes ou criminosos, se tinham commettido alguma falta, ou se eram apenas homens ricos, cuja fortuna os seus ministros cobiçavam. E

preparava-se para, com indifferença, assignar a lista, quando se deteve a olhar um momento o filho mais moço que brincava junto d'elle.

Era um principesinho louro e branco, de olhos azues e innocentes como os de um anjo. Ajoelhado sobre o mosaico precioso, que ladrilhava o terraço, estava inclinado para um aquario, e divertia-se, vendo dentro d'elle os peixes dourados que nadavam. O velho rei, com um sorriso que lhe illuminava as barbas, ficou mirando com amor a creança, tão bella e tão casta, filha do seu sangue e da sua alma. E tinha, esquecida na mão, a penna fatal, de cujo bico pendia a vida de tantos homens...

De repente, o principesinho teve uma exclamação afflicta. O rei vio-o curvar-se mais sobre o aquario, e metter na agua as mãosinhas anciosas. E a creança veio para elle, segurando, com as pontas dos dedos, alguma cousa que se

não via, de tão pequena que era.

— Olha, Pae! salvei-a! ia afogar-se... salvei-a!

O velho rei curvou-se para ver o que o filho trazia na mão. Era uma mosca feia, negra, pequenina, miseravel, nojenta. Tinha as azas molhadas e não podia voar. O principesinho collocou-a na palma da mão microscopica, e virou-a para o lado do sol. D'ahi a pouco, a mosca reanimou-se, e voou. A creança batia palmas:

— Não fiz bem, Pae? Não é um crime deixar morrer uma creatura qualquer, por falta de piedade, Pae? Disseram-me que ha homens que se matam uns aos outros... Pae? como é que se pode

ter a maldade de matar um homem?

E o principesinho fixava no velho rei os seus olhos, azues e innocentes como os de um anjo.

Nessa tarde, o velho rei não assignou nenhuma sentença de morte.

O MENTIROSO

O MENTIROSO

Podia jurar! riam-se d'elle. Mentia tanto, que ninguem dava credito ao que dizia. Ás vezes queixava-se de molestias: e, longe de o tratarem carinhosamente, reprehendiam-no, ameaçavam-no, quando não lhe dobravam os exercicios de escripta; e, pobresinho! muitas e muitas noites, ardendo em febre, debruçado á carteira, copiava compridas descripções, — e tudo porque mentia. Os mesmos companheiros repelliam-no quando elle apparecia contando um facto:

— Ora, sáe d'aqui, mentiroso! Pensas, então, que somos tolos?

Uma manhã desceo ao rio em compa-

nhia de outro. Chovera abundantemente dias antes, e o rio, assoberbado, transbordara.

Os dois meninos hesitaram algum tempo antes de tirar as roupas; o mais velho, porém, nadador intrepido, acoroçoou André, o mentiroso:

— Vamos, a correnteza é insignificante e não precisamos ir para o meio do rio. Vamos!

Animado, André atirou-se ao rio; a correnteza, porém, começou a arrastal-o, de sorte que, quando elle quiz tomar pé,

a agua cobrio-lhe a cabeça. O outro boiava cantarolando.

De repente ouvio um grito angustiado: — Ai! — Voltou-se, e, não vendo André, teve um sobresalto; logo, porém, considerando, sorrio: — Pois sim! Pensas que me enganas! — E continuou a nadar tranquillamente. Mas André não apparecia: o menino ganhou a margem, lançou os olhos para os cantos desconfiando de que o companheiro se houvesse escondido em alguma mouta para assustal-o; vendo, porém, que não apparecia, correo aterrado para o collegio, levando a tristissima noticia. Desceram creados,

e, atirando-se ao rio, procuraram o pequeno que as aguas haviam arrebatado. E o companheiro, em pranto, repetia com sentimento :

— Eu bem ouvi o seu grito, bem ouvi, mas elle mentia tanto...

Dias depois, appareceo coberto de hervas e horrivelmente deformado o cadaver do pequeno André; e o companheiro, vendo-o, soluçou ainda : — Coitado ! Mas foi por culpa d'elle. Mentia tanto !

A DEFEZA

A DEFEZA

Nesse tempo, já a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro tinha uma população de duas mil e quinhentas almas.

Lançara Estacio de Sá os seus fundamentos em 1565, junto do Pão de Assucar. Transferira-a Mem de Sá para o Morro do Castello, e foi d'ahi que, pouco a pouco, a futura capital do Brasil começou a descer, ganhando terreno, alargando-se cada vez mais, povoando-se. Os Tamoyos e os Francezes não lhe pouparam ataques. Os primeiros, senhores antigos da costa, protestavam com armas na mão contra a gente branca, que assim

tomava conta do seu territorio, expellindo-os d'elle. Os segundos viam bem que proveito resultaria para a França da occupação d'essas fertilissimas terras, cuja posse já dava tanta gloria e tanto lucro a Portugal. E a guarnição da cidade tinha resistido heroicamente a esses ataques. E até o seu fundador, Estacio de Sá, lhe dera o sangue e a vida, expirando em defeza d'ella, ferido no rosto por uma flecha.

Em 1710, era o Rio de Janeiro uma grande cidade, prospera e invejada. Em torno d'ella, a lavoura se desenvolvia. Dentro, desenvolvia-se o commercio. E sua população laboriosa e pacifica, avessa aos exercicios da guerra, vivia descuidada e feliz. A guarnição era pequena. Poucos soldados, mal armados, bastavam para manter o dominio da metropole e a auctoridade do Governador. Era Governador Francisco de Castro Moraes, que já por varias vezes fizera sentir ao go-

verno portuguez a necessidade de prover a cidade de mais serios recursos de defeza. Mas nada se fez nesse sentido. E, quando se soube que uma flotilha franceza se approximava do Rio de Janeiro, espalhou-se, pelo povo, um terror justificado.

Não era falsa a noticia. Seis navios de guerra, commandados por Du Clerc, desembarcaram a 11 de Setembro em Guaratiba uma força de mil soldados, que marcharam sem demora para o Rio de Janeiro. O Governador, indeciso, perdia tempo. Nenhuma providencia tinha sido tomada, e já no dia 18 a tropa franceza

acampava no Engenho Novo, prompta a invadir a cidade. Francisco de Castro chamou em soccorro todas as povoações visinhas. Mas ainda a sua tropa, em desordem, não se tinha movido do campo do Rosario, e já Du Clerc entrava, sem resistencia. Todas as portas se fechavam. Toda a gente tremia, prevendo os horrores do saque e do morticinio. Parecia imminente a perda da gloriosa filha de Estacio de Sá. Ella que, tantas vezes ameaçada de ruina, quando ainda fraca e pequena, pudera salvar-se, graças á bravura de seus governantes, — ia ser vergonhosamente tomada, sem uma gotta de sangue, sem um protesto, por um pequeno destacamento de tropas francezas...

Pela cidade deserta, num silencio absoluto, caminhavam os soldados de Du Clerc. O chefe, não querendo perder tempo em atacar as casas particulares, contava chegar á Alfandega sem

achar quem se lhe oppuzesse ao projecto.

E antevia a gloria que para o seu nome viria d'essa conquista gloriosa de uma cidade rica, centro do poder portuguez na America, — conquista levada a cabo sem perda da vida de um só de seus homens.

A expedição sabia que a guarnição portugueza era pouca e sem recursos. Além d'isso, a rapidez das marchas não podia ter dado ao Governador o tempo necessario para armar e disciplinar paisanos. Mais ainda : Du Clerc imaginava que aquella população commercial e calma, preoccupada apenas com os meios de ganhar dinheiro, estaria disposta a aceitar todo e qualquer dominio, comtanto que lhe deixassem intacta a vida, preferindo tudo a arriscar-se aos azares de uma resistencia que poderia ser duramente castigada.

Por isso, marchavam os francezes com confiança. E pareciam marchar por

um cemiterio, tal era a absoluta quietação das ruas que atravessavam.

Mas, quando chegaram á rua Direita, uma alta grita de colera e de incitamento ao combate atroou os ares. E viram, defendendo o caminho, uma multidão de moços que os esperava a pé firme. Não havia uma farda nas suas fileiras. Todas as fardas estavam ainda no campo do Rosario, cercando o Governador, que hesitava e vacillava, sem se resolver a cortar o passo aos invasores. Os que guardavam a rua Direita eram todos moços. Quantos? quatrocentos ou quinhentos, se tanto. Deseguaes nas armas como no vestuario, tinham-se reunido á pressa, ao acaso. Cada um apanhara a primeira arma que encontrara á mão. Eram quasi todos estudantes. Nunca se haviam batido, não tinham disciplina; mas sabiam que iam morrer, defendendo a sua cidade, e essa certeza de um fim glorioso lhes accendia na alma uma

coragem suprema. Haviam sido unidos pela voz ardente de Gurgel do Amaral, um moço tambem, que resolvera salvar o Rio de Janeiro, quando os encarregados de sua guarda o abandonavam á sanha do estrangeiro. E alli estavam, para morrer, sem arredar pé.

A expedição franceza parou, attonita, olhando a phalange dos moços estudantes. E, antes que Du Clerc désse o signal do ataque, já elles o atacavam, de

sorpreza, arrojando-se irreflectidamente. Possuiam apenas uma ou outra espingarda. Por isso mesmo, apressaram o ataque, que se fez á arma branca, com uma bravura louca a que os impellia o desespero. Os francezes mal puderam resistir ao primeiro choque. Aquella mocidade robusta e allucinada, a que o amor da patria dava forças sobre-humanas, combatia cega, delirante, sem cuidar de regras e leis de batalha. Os dois exercitos se misturaram; separaram-se de novo. Poucos minutos bastaram para que, perdida a calma diante d'aquelle assalto espantoso, vendo os seus caírem retalhados de golpes terriveis, a columna de Du Clerc fugisse em debandada.

Então, acossados pelos estudantes victoriosos, os invasores se encurralaram num trapiche, que havia na extremidade da rua. E, logo, os vencedores estabeleceram em torno d'elles um sitio rigoroso.

Nesse momento o Governador decidia-se a agir. Mas, quando chegou a sua tropa, já Du Clerc, assediado e impotente, pensava no meio de recorrer á generosidade do povo, para salvar a vida da sua gente. De facto, nessa mesma tarde, os francezes capitularam.

A mocidade do Rio de Janeiro salvara a cidade.

A BORBOLETA NEGRA

A BORBOLETA NEGRA

Madrugada de domingo, no campo, longe da cidade. Logo á primeira claridade do dia, sáem os dois de casa, com o *Leão*, seu companheiro inseparavel.

O *Leão* é quasi tão alto como elles. É um enorme cão da Terra-Nova, todo negro, de pello espesso, de guéla immensa. É o terror do lugar. Quando elle passa na estrada, acompanhando as duas creanças, rosnando ameaçadoramente, todos se afastam com respeito. E, assim seguidos de perto pelo *Leão*, Henrique e Leonor estão mais livres de qualquer perigo, do que se estivessem guardados por todo um exercito.

Amanhecer de domingo. Longe, repica o sino da capella, annunciando a segunda missa. Ainda não saío o sol.

O vento da manhã sacode as arvores molhadas de orvalho. Nos galhos altos, trilam os passaros. O ar está cheio do aroma forte dos mattos. Passam homens cantando.

E o sino da capellinha, cujo repique tem a alegria ruidosa de uma risada de creança, continúa a annunciar a missa.

Mas, Henrique e Leonor já foram á pri-

meira missa. As duas creanças agitam no ar os seus grandes saccos de caçar borboletas. Henrique, que é quem carrega a tiracollo a bolsa em que vae o pão da merenda, sabe de um lugar em que ha flôres de toda a especie. Fica para lá da egreja : é uma pequena clareira dentro do matto, atapetada de uma relva fresca. Ahi, onde o sol entra livremente, as borboletas voam, todo o dia, sugando o mel das flôres, vibrando as azas rutilantes, azues, vermelhas, douradas. É para lá que vão os tres. *Leão* trota na frente, pesado e enorme, sacudindo a grossa cauda negra. Ás vezes, volta, vem lamber as mãos das creanças, e trota de novo, alegre, com a lingua pendente e as orelhas abanando.

Lá vão elles... O sol ainda não saío. Mas, já, entre as nuvens côr de fogo, no nascente, aponta uma claridade viva, que offusca. Das arvores, cáem ainda, como diamantes soltos, os pingos

do sereno. E Henrique diz, tiritando :

— Como fez frio esta noite, Leonor!

E, tiritando, diz Leonor :

— Coitado, coitado de quem, sendo pobre e não tendo casa, teve de passar esta noite ao relento!...

E lá vão os tres.

Já passaram a egreja, muito branca, muito pobre, posta no alto de uma ladeira ingreme. Viram, na pequenina janella, rodar o sino, cantando, cantando sempre. Viram muita gente, á porta, esperando o padre... E seguiram. De repente, Henrique pára :

— É aqui! — diz elle, e aponta uma picada aberta no matto — Olha, Leonor, olha! já uma borboleta!

Uma borboleta grande, azul, riscada de ouro, saía, dansando no ar. Leonor bate palmas :

— Que linda! que linda!

E Henrique exclama :

— Vaes ver que porção de borboletas ha lá dentro, Leonor!

E vão entrar. E *Leão* adianta-se, e dá dois passos no caminho estreito e escuro, rasgado no seio da folhagem.

Mas o cão estaca. E começa a ladrar, a ladrar, a ladrar, furiosamente, perto de um embrulho que está no chão. As creanças approximam-se, abaixam-se. É um embrulho de pannos e flanellas. Alguma cousa agita-se dentro d'elle. E, quando o *Leão* deixa de ladrar, as creanças ouvem um gemido muito fraco, muito fraco, que sáe da trouxa, toda ensopada de orvalho. Trazem-na para o meio da estrada, com cautela. Abrem-na.

O sol já saío. Que sol! O céo, todo azul, está inundado de luz. O sino continúa a repicar. Nos galhos altos os passaros cantam.

— Jesus! é uma creança! — exclama Leonor.

É uma creança recemnascida que está

dentro do embrulho de flanella; é uma creancinha preta, vagindo de manso, de manso, com os olhinhos fechados. Leonor, sentada no chão, põe no collo a

creaturinha de pelle preta, e começa a embalal-a, já com a seriedade de uma mulher feita: — Coitadinha! Coitadinha!

Henrique, muito serio, está de pé. Henrique é um homem... Só tem 9 annos, mas é um homem! e um homem não deve chorar... Mas Henrique está cho-

rando, olhando a creancinha preta que vage de manso, de manso, no collo da irmã. O *Leão*, curvado, sem ladrar, sacudindo a cauda, com a lingua pendente, está tambem olhando a recemnascida, com os seus grandes olhos intelligentes e carinhosos.

— Coitadinha! Coitadinha! repete Leonor.

— Que maldade! que maldade! — murmura Henrique.

Então, Leonor tem uma idéa:

— Henrique, vamos fazer uma sorpreza á mamãe! vamos levar-lhe esta pretinha!

Henrique dá um salto de alegria:

— Vamos, Leonor!

E Leonor levanta-se, acommoda no collo o embrulho de pannos e flanellas. Henrique apanha os dois grandes saccos de caçar borboletas. O *Leão* solta um latido de jubilo. E lá vão os tres, correndo, pela estrada inundada de sol.

Adeus, borboletas azues, vermelhas e

douradas! adeus, borboletas de todas as côres, que estaes bailando no ar, sobre as flôres cheirosas e doces! Podeis bailar em socego! aquelles dois grandes saccos de gaze, que vinham buscar-vos, voltam para a casa vasios! Deixam-vos em paz os caçadores! Não pensa em vós Leonor, que vae correndo, correndo, segurando com cautela aquelle embrulho, dentro do qual ha uma creancinha preta que chora... Não pensa em vós Henrique, que corre atraz d'ella, calado e offegante... Não pensa em vós o *Leão*, que trota na frente, rosnando, enorme e pesado, com a lingua pendente e as orelhas abanando... Podeis bailar em socego! Hoje, Henrique não subirá, como um macaco, aos galhos altos das arvores, para apanhar os fructos e os ninhos. Hoje, Leonor, cançada de apanhar borboletas, não merendará sobre a relva. Hoje, *Leão* não dormirá a sua sésta, ao sol, nessa clareira aberta no matto...

Lá vão os tres. Ainda passa muita gente que vae á missa. O sino ainda lá está, num repique festivo, chamando o povo. Passa muita gente... Mas os tres não dão *bom dia* a ninguem. Vão correndo, vão correndo, porque querem fazer quanto antes uma sorpreza á mamãe. E, quando chegam á casa, diz Leonor:

— Devagarinho! Devagarinho!

Entram, como tres ladrões. A casa está calada e quieta. A mamãe está com certeza na cozinha. Na varanda, Leonor senta-se, ageita nos braços a creancinha, e fica a embalal-a, com a seriedade de uma mulher feita. E Henrique e o *Leão* correm para a cozinha. E, emquanto o cão salta e late, Henrique exclama:

— Mamãe! Mamãe! venha ver uma borboleta negra que caçámos no matto!

Quando a mãe chega á varanda, pára á porta, espantada. E Leonor, com a voz tremula, pergunta:

— Não é verdade, mamãe, que não podiamos deixar morrer de fome esta coitadinha? Que mãe malvada, mamãe! que mãe malvada, que preta malvada a que abandonou assim esta filhinha! Não é verdade que mamãe tambem vae ser mãe d'ella?

— É verdade, minha filha! — diz a mãe. — Foi Deus quem conduzio vocês... Fizeram bem! fizeram bem! o pão da nossa pobreza sempre ha-de chegar para mais um filho.

E tomou nos braços a creancinha negra, unica borboleta que Henrique, Leonor e o *Leão* caçaram nesse dia.

O PAROCHO

O PAROCHO

(CONTO DE NATAL)

A noite, esparzida de astros, silenciosa e morna, corria triste, sem os rumores dos outros annos, quando era vivo o venerando parocho centenario que fazia despertar a aldeia religiosa com a voz sonora do grande sino e com os repiques festivos das campanilhas.

Ia passar despercebida a grande hora da alva redemptora em que Jesus nasceo. Campos desertos, choças apagadas, eiras emmudecidas; apenas um ou outro camponio, saudoso do velho tempo, abria a porta da cabana para olhar os muros

brancos do presbyterio vasio, ou passava por entre as ramagens sob o esplendor infinito da noite constellada, como o espectro errante da alegria extincta, tocando tristemente a viola.

O luar escorria pelas arvores alvo e diaphano, tornando de prata a agua lisa de um lago, onde o gado descia a beber. A egreja fechada, branca, muito branca, era como uma miragem feita pela claridade do luar. Mas que differença dos outros annos! Áquella hora, as portas escancaravam-se exhalando o aroma santificante dos thuribulos, e o campo enchia-se com o clangor dos hymnos do povo que saudava, no berço de palhas do presepe, o louro Jesus nascido, deitado, com simplicidade, entre a vacca e o jumento. Que differença dos outros annos! Quem tivesse ouvido a palavra tremula do velho parocho, narrando, ao fim da missa, diante do pequeno estabulo, o mysterio de Bethlem : como

nascera de Maria Sempre Virgem numa creche, para exemplo dos homens, Jesus, o Rei dos reis, a Misericordia Suprema,— teria saudades diante de tamanha tristeza.

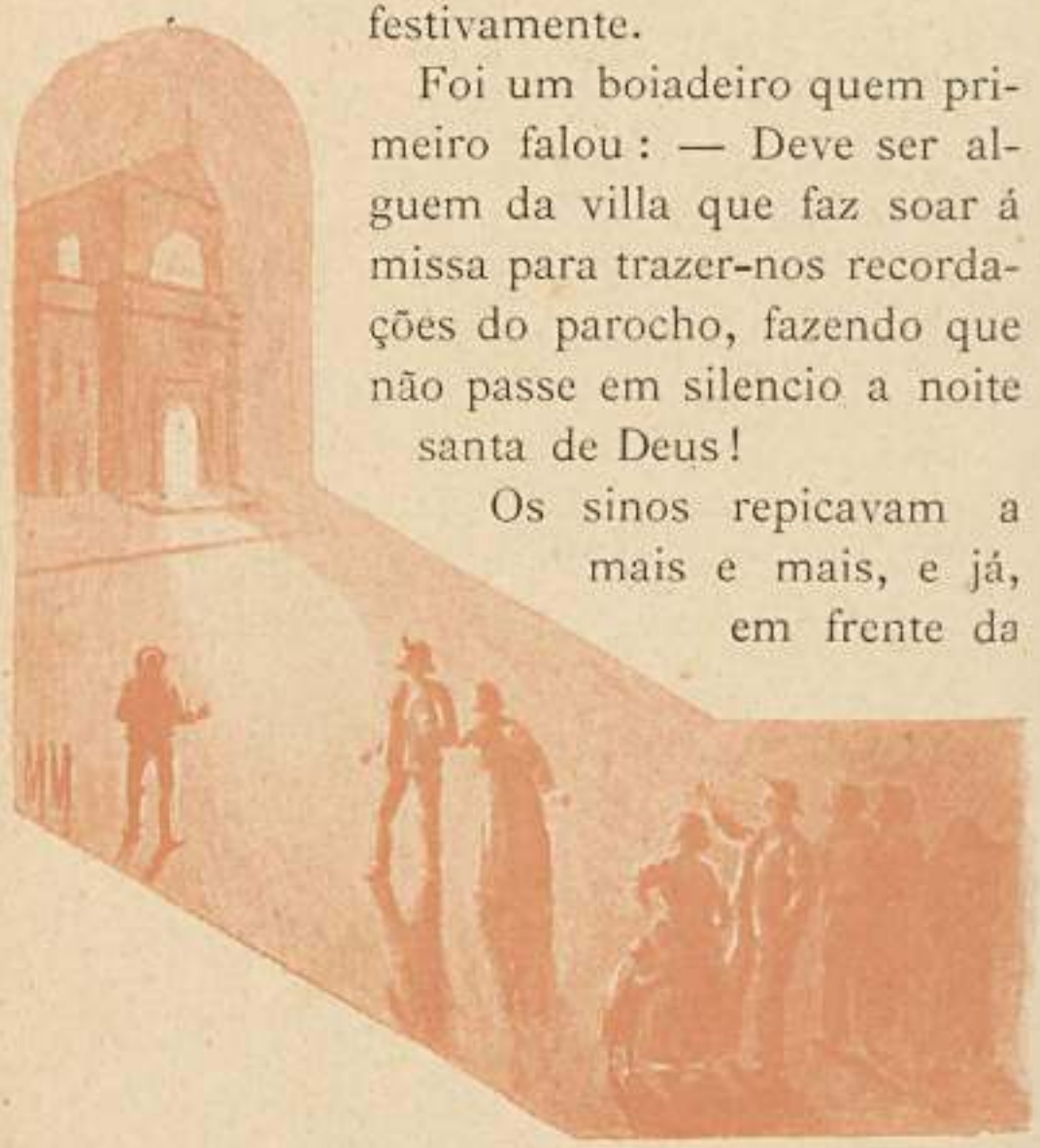
Nos curraes fechados, o gado, adivinhando a lucida manhã, mugia profundamente. No céo purissimo resplandecia radiosa a estrella d'alva.

Um gallo solitario cantou num quintalejo; logo outros responderam dos quintaes visinhos e de sitios distantes; e, subito, o som profundo e grave do grande sino quebrou o silencio melancholico da noite natalicia, e logo romperam, em bimbalhada estridula, todas as campanilhas, justamente como nos outros annos quando era vivo o venerando parocho...

De repente abriram-se as portas das cabanas; e camponios attonitos appareceram nas soleiras em leves roupas, as cabeças núas, com lanternas erguidas alumiando a noite.

As portas da egreja, abertas de par em par, deixavam ver o interior resplendente de luzes.

O espanto foi grande entre os rusticos, e nenhum ousou aventurar um passo, posto que os sinos continuassem a soar festivamente.



Foi um boiadeiro quem primeiro falou: — Deve ser alguem da villa que faz soar á missa para trazer-nos recordações do parocho, fazendo que não passe em silencio a noite santa de Deus!

Os sinos repicavam a mais e mais, e já, em frente da

egreja, havia uma esteira de luz dourada que os cirios alastravam.

— Se fossemos? — propoz o boiadeiro.

Voltaram todos em busca dos gabões e dos cajados, e, reunindo-se, com os olhos sempre fitos na egreja illuminada, fôram seguindo em grupo cerrado, lentos, timidos, parando de instante a instante, assustando-se ao minimo ruido.

Ia á frente o boiadeiro, batendo fortemente com o cajado para animar a turba.

Longe, pelos quintaes, ao frescor da madrugada, cantavam mais vivamente os gallos.

De repente, um grito atroou no grupo: o boiadeiro, que ia á frente, caíra de bruços junto ás escadas da egreja, clamando. Nem um só homem atreveo-se a avançar para acudil-o : e só quando o viram erguer-se com os braços alçados, brandindo o cajado grosseiro, fôram caminhando.

— O parocho ! O parocho ! — bradava o boiadeiro, subindo tremulamente os degráos. E os homens, que haviam corrido, extaticos, parados, balbuciavam,

com os olhos postos no altar da egreja:
— O parocho que morreo! O parocho!

Começava a missa de Natal.

Junto ao altar, revestido dos habitos religiosos, estava um velhinho pallido, inclinado sobre o livro santo, as mãos juntas, orando. Á sua esquerda, fulgido, com um esplendor sideral, um anjo de azas cerradas, ajoelhado, agitava um thuribulo; outro, á direita, todo num grande nimbo de luz, acolytava.

Nada se ouvia. De vez em vez o officiante voltava-se para abençoar os camponios, e as suas pupillas fulguravam.

A pouco e pouco foi-se enchendo o templo: havia montes de cajados á porta.

Os anjos passavam de um para outro lado, sem tocar o solo, aereamente, num adejo subtil.

Finda a ceremonia, a bençam do sacerdote caío sobre todas as cabeças; e elle, lentamente, como nos outros annos, desceo para o meio da turba, e, flanqueado

pelos anjos, fez a prédica consoladora, narrando o poema da simplicidade, paternalmente, com a palavra pausada e meiga. Por fim, passando pelos grupos, mais pallido do que o luar que ainda alumiava, ia dando a beijar a mão gelada; e viram todos o santo e venerando padre alçar os braços em offertorio; depois voltou-se, e ficou muito tempo a olhar a villa; e uma lagrima silenciosa desceo-lhe pela face branca. Ajoelhou-se, curvando a fronte, e todos imitaram-no.

Quando os camponios levantaram os olhos, os sinos tinham emmudecido no campanario, e, pelas táboas do templo, havia estrias douradas de sol. O parocho e os anjos haviam desapparecido.

Entreolharam-se os camponios; e o boiadeiro, tomando o cajado, indagou:

— De onde terá vindo? De onde terá vindo?

— Do tumulo, de certo! — disse uma velha a tremer.

— Do céo, — disse um pastorinho — não ha anjos na terra.

— Mas elle chorou, — disse o boiadeiro, — e não ha lagrimas no céo.

— Saudades talvez! — falou alguem no grupo.

Então, o boiadeiro, fazendo o signal da cruz, suspirou :

— Se ha saudade no céo, bem triste deve ser a vida eterna!

— Bem triste ! — suspiraram todos.

E o boiadeiro ajuntou :

— Bem disse elle, antes de expirar, que havia de estar sempre comnosco, acompanhando-nos em nossas dôres e em nossas alegrias! Bem o disse elle antes de expirar...

— Sempre estará comnosco protegendo-nos á nossa meza, á beira de nosso leito, junto ao sepulcro em que ficarmos! — disse um sertanejo.

E todos, movidos pelo mesmo sentimento, levantaram para o céo os olhos

agradecidos. A manhã de Jesus resplandecia.

. . . . . .

E eis porque não tem parocho a egreja de S. José do Monte : o presbyterio é o céo, e o parocho é sempre o mesmo, que desce, em espirito, para abençoar as almas e as campinas.

O BANDEIRANTE

O BANDEIRANTE

Quando, em 1664, Fernão Dias Paes Leme se embrenhou nos sertões de Minas, raros homens civilisados haviam pisado essas regiões quasi de todo desconhecidas.

Fernão Dias Paes Leme já era nesse tempo um velho. Tinha oitenta annos. Mas a edade não conseguira alquebrar o seu corpo, nem enfraquecer dentro da sua alma intrepida a coragem e a ambição.

Diziam que, no rio S. Francisco, abundavam esmeraldas.

A terra virgem do Brasil já dava muito ouro e muitos diamantes: mas ninguem

arrancara ainda do seu seio as bellas e preciosas pedras verdes, que Fernão Dias Paes Leme ia procurar, arrostando todos os perigos.

Perigos de toda a sorte!... As florestas estavam cheias de féras : porém, maior ainda do que a d'ellas, era a ferocidade dos indios brutos. Além d'isso, nas margens dos rios, reinavam febres assassinas. Com as enchentes, as plantas apodreciam, depositadas nas lezirias, e desfaziam-se em miasmas. E tudo, — féras, selvagens e febres, — tudo conspirava contra os exploradores, defendendo a região, não deixando que a civilisação d'ella tomasse posse.

Mas Fernão Dias Paes Leme só pensava na reali-

sação do seu grande sonho. Sonhava possuir as grandes riquezas accumuladas naquellas zonas longinquas. Passavam-lhe, por diante dos olhos, quando a febre da ambição o allucinava, rios de pedras preciosas, rolando, rolando, com um brilho que cegava. Já se via senhor de montanhas de pedras verdes... E essa ambição o alimentava, abrasando-lhe o sangue, dando-lhe aos musculos um novo vigor e ao coração uma nova mocidade. Juntou um bando de companheiros decididos, e emprehendeo a aventura arrojadissima.

Eram mais de quinhentos. Quasi todos já tinham explorado outras zonas de territorio, e estavam habituados áquella rude existencia, de trabalhos sem fim, noites passadas ao relento, debaixo das grossas chuvas torrenciaes, riscos sem conta, difficuldades sem numero. Eram homens que essa vida tornara semi-barbaros : convivendo com os animaes

ferozes e com os indios anthropophagos, entendendo e falando os idiomas de varias tribus, acostumados a não temer a odiosidade dos povos indomaveis e as inclemencias da natureza primitiva da

America, tinham ficado corajosos como esses povos, rijos e primitivos como essa natureza. Quando a sécca abrasava os mattos, os bandeirantes, para mitigar a sêde que os agoniava, bebiam o sangue dos animaes que matavam. Comiam fructas, cascas de arvores, sapos, lagartos, cobras.

Não tinham bussola, não tinham armas aperfeiçoadas, não tinham remedios.

Confiavam na sua boa estrella, e caminhavam ao acaso. Tinham de vadear torrentes, ladear pantanos, galgar serranias, atravessar florestas virgens. E a ambição e a coragem de Fernão Dias Paes Leme guiavam esses aventureiros intrepidos.

Dez annos durou a expedição. Emquanto caminhavam, de lucta em lucta, batalhando contra os indios, os bandeirantes iam, nos arredores do rio S. Francisco, lançando as bases de povoações, que são hoje cidades. Ao cabo d'esses dez annos, outros bandos tinham vindo juntar-se aos primeiros. Oito povoações tinham nascido, com edificações, surgindo como por encanto do solo, ao simples influxo da energia soberana de Fernão Dias Paes Leme. Quantidades fabulosas de arrobas de ouro em pó e de immensos diamantes asseguravam aos aventureiros grande fortuna. E, quanto ás esmeraldas que Fernão Dias buscava,

apenas uma pequena quantidade d'ellas fôra colhida. E o velho chefe não se separava nunca da sacola de couro, em que guardava o precioso achado. Não era só o valor das pedras o que o fazia prezar aquella sacola : o que mais o satisfazia era o orgulho de ter sido o primeiro a descobrir esmeraldas nas terras da America.

Mas as forças o abandonavam. Esses dez ultimos annos de vida tinham alquebrado o corpo do heroico velho. Enriquecido o seu bando de aventureiros, fixadas varias familias nas povoações que fundara, Fernão Dias Paes Leme recolheo-se a Guaycuhy, aldeia que, graças aos seus esforços, se desenvolvia e prosperava.

Ahi morreo elle, serenamente, sem imaginar a gloria que estava reservada para o seu nome. Antes de expirar, chamou o filho, e confiou-lhe a guarda da sacola das esmeraldas. Recommendou-

lhe que tornasse ao littoral, e, em viagem para a metropole, para lá levasse as primeiras pedras verdes fornecidas pelas jazidas do Brasil.

O filho enterrou-o, piedosamente, em plena selva, no meio d'aquella admiravel natureza cujos segredos o seu olhar atrevido fôra o primeiro a devassar. O cadaver do velho *bandeirante* repousa em lugar ignorado hoje. Ninguem sabe em que arredor de Guaycuhy, perto das margens fecundas do esplendido S. Francisco,

está a ossada de Fernão Dias Paes Leme, — *o caçador de esmeraldas*. Mas, a memoria d'elle vive perpetua nas regiões que a sua ousadia desbravou.

O filho do explorador, guardando a sacola das esmeraldas, não sabia que decepção o esperava : as pedras verdes eram simples crysolithas sem valor.

Mas o ouro e os diamantes adquiridos, durante os dez annos de expedição, lhe davam uma fortuna, capaz de o consolar facilmente d'essa desillusão. E, se Fernão Dias Paes Leme não teve a gloria de descobrir esmeraldas no Brasil, teve em compensação a gloria mais alta de ter lançado a semente da civilisação nos sertões de Minas Geraes, fazendo oito cidades rebentarem de seu solo inculto.

SUMÉ

SUMÉ

(Lenda dos Tamoyos)

Foi na immensa e fertil região de aguas, de montanhas e de areias, que vem do Espirito Santo até o Rio de Janeiro, que appareceo *Sumé*, o venerando velho, pae da agricultura, cuja memoria foi tão criminosamente perdida pela ingratidão dos homens.

Nessa larga faixa de terra, cujos cabos e promontorios rochosos invadem o mar, quasi tocando ilhas fecundas, que verdejam ao sol, entre bancos de areia, — vivia um povo forte e valente, respeitado na paz e temido na guerra. Eram

os *Tamoyos*, cujas canôas guerreiras dominavam a costa, desde o cabo de S. Thomé até Angra dos Reis, guardando as aldeias, formadas de cabanas solidas, cercadas de altas paliçadas inexpugnaveis. Quando as tribus visinhas ousavam invadir o seu territorio, — o canto do *pagé* concitava os filhos da grande nação. E, ao som dos chocalhos de pedra, das buzinas de madeira, dos tambores e das flautas de taquara, — os grandes exercitos tamoyos abalavam, em hostes cerradas, para repellir o invasor. E a nação não descançava, emquanto os inimigos não fugiam ao valoroso embate das suas armas gloriosas, — maças pesadas feitas de lenho de

palmeira, formidaveis machados chatos de madeira vermelha, flechas agudas, arcos da altura de um homem. Mais de uma vez, assim, os Goytacazes e os Goyanazes tiveram de ver castigada a sua ousadia. Quando a guerra findava, toda a tribu commemorava com grandes festas a victoria de seus filhos. E a musica e a dansa celebravam, em torno dos prisioneiros que tinham de ser comidos vivos, a derrota dos inimigos. Depois vinha de novo a livre e arriscada existencia da paz, — a pesca, nas canôas ligeiras que voavam como aves do mar á flôr das aguas, e a caça, dentro dos mattos bravos, povoados de féras.

Ora, um dia, em que uma grande multidão da tribu, á beira mar, estava reunida, celebrando uma victoria, — viram todos que sobre o largo oceano, vinha, do lado em que o sol aponta, uma grande figura, que mais parecia de deus que de homem.

Era um grande velho, branco como a luz do dia, trazendo, espalhada no peito, como uma toalha de neve, até os pés, a longa barba veneravel, cuja ponta roçava a agua do mar. E houve um grande espanto entre os Tamoyos, vendo assim um homem, como elles, caminhar sem receio sobre as ondas como sobre a terra firme.

Era Sumé, enviado de *Tupan* (1), senhor do Céo e da Terra. E Sumé operava prodigios nunca vistos. Diante d'elle, os mattos mais cerrados se abriam por si mesmos, para lhe dar passagem : a um aceno seu, calmavam-se os ventos mais desencadeiados : quando o mar furioso rugia, um simples gesto da sua mão lhe impunha obediencia. A sua presença fazia abaterem as tempestades, cessarem as chuvas, abrandarem as séccas. E até as

(1) *Tupan.* — a divindade que varias *tribus* de indios do Brasil adoravam.

téras, quando o viam, vinham submissamente lamber-lhe os pés, arrastando-se, de rojo, na areia. E os Tamoyos, captivos da sua bondade, conquistados pelo assombro dos seus milagres, tomaram Sumé para seu conselheiro. E todas as tardes, os chefes adiantando-se para elle, — emquanto em roda, mulheres, homens e creanças paravam a escutar, — vinham contar-lhe a historia do seu povo, e interrogal-o sobre as suas crenças, e pedir-lhe conselhos e lições.

E diziam-lhe a sua religião :

« Tupan, para fazer o céo e a terra, creou as mães de tudo. O sol é mãe do dia e da noite. A lua é mãe das plantas e dos animaes. Os homens nasceram, e foram maus. Tupan, para castigar a sua maldade, mandou que as aguas crescessem desmedidamente e cobrissem tudo. Então, viram-se os peixes nadando entre as folhagens das arvores, e os tigres afogados boiando sobre a vastidão das

ondas crescidas. E os homens fugiam de monte em monte. E o céo se abria em relampagos e em quédas assombrosas de agua. Mas um varão forte, que Tupan amava, — um varão de alma grande, que tinha o nome de *Tamandaré*, salvou a raça, guardando dentro de uma canôa os seus filhos, e livrando-os do naufragio espantoso. E de Tamandaré saímos nós, guerreiros que não tememos o trovejar das armas dos inimigos, quando o furor os assanha no campo da guerra, — mas que nos rojamos por terra, lembrando a antiga punição, quando ouvimos trovejar no céo, carregada de ameaças e de maldição, a grande voz sagrada de Tupan, senhor e creador de todas as cousas e de todos os seres... »

Sumé amou aquella nação simples e sobria, sem vicios e sem peccados. Louvou-lhe a bravura na guerra e a modestia na paz. E quiz tornal-a feliz, ensinando-lheo meio de viver na abundancia. E

ordenou que todos os homens validos, depois de haverem abundantemente provido de caça e de pesca as cabanas, em que as mulheres e as creanças ficariam, seguissem com elle, para obrigar a terra a lhes dar o sustento diario.

Disse-lhes Sumé : « A grande mãe é a terra : grande mãe generosa ; basta acaricial-a, basta amal-a e afagal-a, para que ella se abra logo prodigamente em toda a sorte de bens e de venturas. » Mas um Pagé, velho sabio, conhecedor das cousas que o commum dos mortaes ignora, observou : « Como pois, grande Santo, até hoje só tem ella tido para nós espinhos e reptis? » E Sumé respondeo : « Porque até hoje não a amastes com fervor e trabalho. Cavae-a e suae sobre ella : ella se rasgará agradecida, não para vos engulir, mas para vos dar vidas novas. Vinde commigo e vereis ! »

Seguiram-no elles. E a terra, por toda a parte, era núa e ingrata. Mattagaes

crespos e impenetraveis subiam do seu seio. E, dentro d'elles, as cobras silvavam, as onças uivavam: e toda aquella natureza primitiva era inimiga do homem, inimiga sem piedade, que afiava contra elle os dentes de suas féras e as pontas agudas dos seus espinheiros. Mandou Sumé que desbastassem a terra, e tivessem, para destruir os mattos fechados, a mesma bravura e o mesmo vigor que tinham para destruir as hostes dos inimigos. Ordenou-lhes depois que amanhassem o solo, e, dando-lhes sementes varias, disse-lhes que as lançassem sem conta sobre o seio da grande mãe assim preparado.

D'este modo correo Sumé todo o littoral. E atraz d'elle todos os homens validos da tribu seguiam. Os dias passavam. Passavam os mezes. Passavam os annos. E, de sol a sol, a febre do mesmo trabalho sacudia aquella multidão, que a virtude e a bondade de um só homem

arrastavam, seduzida e captiva. Quando Sumé chegou á grande Angra, que fechava ao sul o dominio dos Tamoyos, parou. E disse, reunindo os trabalhadores :

— É tempo de retroceder... Ides ver como a terra vos paga em abundancia e ventura as bagas de suór que gastastes em seu favor!

Retrocederam. E, então, começou o deslumbramento da tribu. Á medida que se approximavam do ponto de partida, viam a terra mudada, de mais em mais, abrindo-se em folhagens que não conheciam, em fructos que nunca tinham visto. E,

quando chegaram ao grande acampamento, as mulheres e as creanças dansavam e cantavam. Os celleiros da tribu regorgitavam. O céo parecia mais bello; mais bello parecia o mar; mais bella a natureza toda; porque a tribu toda via agora a natureza atravez d'essa alegria que é filha da felicidade. Das sementes que o Santo Sumé fornecera, tinham nascido, em touceiras immensas, as bananeiras fartas; tinham nascido os carás e as mandiocas; tinham nascido os milhos de espigas de ouro; tinham nascido os algodoeiros, os feijões e as favas...

Sumé não achou bastante o que já tinha feito: e ensinou-lhes a arte de fabricar a farinha, moendo a mandioca: e revelou-lhes os segredos da navegação, aperfeiçoando as suas igáras rusticas, dando-lhes vélas, que, como azas de passaros, as ajudassem a voar com o vento, e lemes, que, como caudas de peixes, as ajudassem a cortar as ondas. E toda a tribu

abençoou Sumé. E, em honra sua, todas as tardes, quando o pôr do sol ensanguentava as aguas, a tribu dansava, ao bater compassado dos tambores, em torno do grande velho, — filho querido de Tupan, pae da Agricultura, Genio protector dos Tamoyos.

Mas os annos passaram. E, com o passar dos annos, passou a gratidão da tribu.

Os pagés, ciumentos do poder do Santo, envenenaram a alma da nação: « Como? pois ella, tão forte, que, em todo o arredor, só o seu grito de guerra bastava para amedrontar todas as outras nações, ficaria sempre sob o dominio de um só homem, um estrangeiro, um homem de pelle branca? »

E o rumor da maledicencia crescia em torno do Santo. E, em torno d'elle, a rêde da intriga se apertava.

E elle ouvia, e sorria. E a sua grande alma, toda sabedoria e bondade, com-

prehendia e perdoava a ingratidão das gentes.

Uma madrugada, quando o Santo saía da sua cabana, vio formados todos os Tamoyos, que vociferavam, ameaçando-o.

E todos elles estavam armados. E as physionomias de todos elles transpiravam odio e rancor.

O Santo Sumé quiz falar. Não pôde. Uma flecha certeira, partida das fileiras dos ingratos, veio cravar-se no seu peito. O Santo sorrio. E, arrancando o dardo das carnes, atirou-o ao chão, e foi andando, de costas, para o lado do mar. Então, o ataque recrudesceo. As settas

voavam, ás centenas, aos milhares, todas attingindo o alvo. Sumé, com o mesmo sorriso nos labios, ia sempre caminhando de costas para o lado do mar, e, de uma em uma, ia arrancando do corpo as settas que o não magoavam.

Quando chegou á praia, entrou pela agua, cresceo sobre ella, sobre ella se equilibrou, e, sempre de costas, foi fugindo, — e sorrindo, sem amaldiçoar os ingratos a quem dera a fartura.

E toda a tribu, paralysada de assombro, via, oscillando de leve sobre as ondas que o nascer do sol ensanguentava, ir diminuindo, diminuindo, até sumir-se de todo na extrema do horisonte, aquella doce figura, de pelle branca como a luz do dia, trazendo espalhada sobre o peito, até os pés, como uma toalha de neve, a longa barba veneravel, cuja ponta roçava a agua do mar...

O THESOURO

O THESOURO

Já sem forças para lidar nos campos com os pesados ferros da lavragem, prevendo a miseria proxima, Serapião saía todas as manhãs de casa firmado ao bordão, e vagarosamente percorria os caminhos do sitio, chegando até onde lhe permittiam as pernas fracas.

Repousava nas barrancas, á beira da agua

ou á sombra de alguma arvore, e ficava esquecidas horas, relembrando o tempo da sua mocidade, quando, brandindo uma foice, roçava o matto bravio, fazendo elle só a tarefa que dois homens de hoje não seriam capazes de levar a termo.

E como vivia feliz! a casa farta, a familia contente, porque a terra correspondia com abundancia de flôres e de fructos aos cuidados do lavrador!

Agora, entretanto, as laranjeiras morriam carregadas de « herva de passarinho », os cafeeiros desappareciam abafados pelo matto; nem uma raiz de mandioca, nem um pé de milho; o vassoural invadia as terras, e as cobras, sentindo o abandono, cruzavam os caminhos ou dormiam ao sol, enroscadas, á beira do antigo açude secco.

Todavia aquellas terras podiam levar vantagem ás outras da redondeza, não só por serem mais ferteis, como porque

nellas viviam seis robustos rapazes, o mais velho contando trinta annos, o mais novo tendo apenas dezoito.

Filhos de Serapião, orphãos de mãe, levavam vida ociosa, uns ás portas das vendas fumando, conversando, outros em casa estirados nas rêdes, afinando violas, sem pena do velho pae, sem cuidados no futuro. Indolentes, para não saírem em busca de trabalho, contentavam-se com a magra ração de farinha de milho que lhes dava uma negra, antiga escrava da familia, que não se quizera apartar do sertanejo.

De vez em quando, a muita instancia, um saía a caçar, e, emquanto durava a carne no fumeiro, zangarreavam e dormiam.

Serapião suspirava; mas, como era meigo para os filhos, não lhes dirigia uma palavra aspera, lembrava-lhes apenas a fome, nos dias futuros, o frio, as molestias: mostrava-lhes o sapé da pa-

lhoça apodrecido, o adobe esburacado, os curraes vasios, e, nos poleiros, nem um gallo sequer para annunciar as madrugadas.

Elles, porém, sempre estirados, respondiam com a resignação dos fracos e dos preguiçosos :

— Deus é grande, meu pae...

Succedeo, porém, uma grande sécca, e todo o sertão foi lastimosamente devastado pelo sol.

Os que tinham bens accumulados puderam fazer face ao flagello; os pobresinhos, porém, esses caminhavam noite e dia pelas estradas seccas e poentas, batendo os mattos, chafurdando nos pantanos lodosos em busca de fructos e raizes. Tudo, porém, o sol devastador levara. Os passaros eram raros, e no campo nem uma préa saltava á vista do caçador faminto. O gado, sedento, mugia angustiadamente; e á noite, nos casebres, juntavam-se bandos de infelizes

resando, em côro afflicto, ladainhas de misericordia. Serapião e os filhos soffreram como os mais desgraçados.

Porque nada possuiam, nada lhes fiavam; de sorte que, emquanto duraram os dias tremendos, os infelizes erraram pelas trilhas catando hervas, procurando raizes. Ás vezes caíam exhaustos na poeira das estradas, gemendo, de fadiga e de fome; e emmagreceram tanto que os ossos appareciam á flôr da pelle.

O velho soffria calado, e menos tormento lhe causava a fome do que a miseria em que viviam os filhos desalentados, pedindo a morte, preferivel a tão duro e longo soffrimento. Afortunadamente, chegaram as aguas bemditas.

Chuvas torrenciaes alagaram os campos, e com tal abundancia, que os rios, assoberbados, espraiaram; e as terras, fecundadas, entraram a produzir, fazendo brotar a sementeira, explodindo em verdura. No sitio, porém, só a herva brava

ganhou com as grandes aguas : dilataram-se os vassouraes, o sapé alastrou exuberantemente, e, como apparecessem aves e das tocas saíssem ariscamente as pacas, os rapazes, esquecidos do flagello, voltaram á vida preguiçosa, buscando os alpendres das vendas, ou estirando-se nas esteiras, na varanda da palhoça esboroada pelo tempo.

Serapião, porém, quiz incital-os ao trabalho, lembrando-lhes o que haviam soffrido durante o mez arido de soalheira e penuria; mas, como d'antes, todos, a uma, responderam-lhe : — « Deus é grande! » — E um d'elles desleixada-

mente ajuntou : — « E para que nos havemos de estafar, se nunca chegaremos a ser ricos? Os que menos trabalham são justamente os mais favorecidos. Se alguma cousa nos tiver de vir ás mãos, não é preciso que a vamos procurar : a porta está sempre escancarada, entra por ella o sol, entra por ella a noite; a fortuna pode entrar tambem... »

Ouvindo palavras taes, o velho ergueo-se lentamente, tomou o cajado e partio : era ao caír da tarde, as juritys gemiam.

A noite veio : a preta, para afugentar os morcegos, fez um fogo de gravetos; e, em torno da chamma, acocorados, reuniram-se os rapazes, até que um d'elles, o mais moço, vendo a lua alta no céo, e dando pela ausencia do pae, perguntou : — Que é feito do nosso pae? Que andará fazendo, a horas taes, lá fóra, ao relento da noite fria?

E outro, com um fremito presago, disse, baixinho e a medo : — Quem sabe

se não lhe succedeo algum desastre? É tão velho, mal vê e anda com tanta difficuldade... Quem sabe se não rolou alguma ribanceira?

Ficaram algum tempo silenciosos, os olhos fitos na lenha que crepitava; um d'elles, porém, o mais velho, ergueo-se resolutamente; e foi mais forte do que a preguiça o amor no coração do moço:

— Vamos! Não podemos ficar aqui agazalhados quando o nosso velho pae treme de frio, e geme, talvez, estropiado, no fundo de alguma grota. Vamos! — E todos, levantando-se, travaram dos cajados e disseram: — Vamos!

Saíram. A noite, de um esplendido luar, era luminosa e pura: as estradas alvas branqueavam por entre a verdura e as arvores pareciam galvanisadas de prata.

Grande era o silencio, apenas interrompido aqui e alli pelo trillar dos grillos e pelo chilro de algum passaro aninhado;

longe rolavam aguas com um perenne murmurio.

Elles seguiam, ora pelos pedrouços dos caminhos, ora mergulhados no sapesal ondulante, bradando sempre : — Meu pae! — O echo, apenas, respondia.

Já os rapazes faziam estranhas e terriveis conjecturas acerca do velho sertanejo, quando um d'elles que se avantajara em passos gritou de longe :

— Aqui! Aqui! — Correram todos para o sitio de onde saíra a voz, e lá, com alvoroto, fôram encontrar Serapião sentado sob a galhada protectora de uma veneranda mangueira, sorrindo contente.

Os rapazes, reunindo-se em circulo, puzeram-se a falar da imprudencia do pae, e levantaram-no carinhosamente, insistindo com elle para que os acompanhasse á casa.

Serapião, porém, sorrindo sempre, apenas dizia, num grande contentamento :

— Ah! se vocês soubessem... se vocês soubessem! — Os rapazes, intrigados com as palavras do velho, cercavam-no, perguntando: — Mas que é? Mas que é?

Porque não dizes? Que segredos podes ter para teus filhos?

— Deus me dê forças para guardal-o sempre! Para que hei-de eu contar-vos tal segredo? não haverá amanhã um homem que o não conheça, e quando o conhecerem os homens... pobre de mim!

Se eu vos julgasse capazes de guardal-o, decerto que a outros não o confiaria, — mas de que me servirá saberdes o que me disse a *yára*? (1).

Ouvindo isso, os rapazes arremetteram curiosamente, e, apertando o velho, interrogavam-no curiosos :

— *Yára!* E tu falaste a uma *yára*, pae? a uma *yára*, pae?

— Sim, — disse o velho com fingida tristeza, — já que me escapou parte do segredo, sabei que aqui, debaixo d'esta mangueira velha, veio ter commigo uma *yára* do rio.

— Uma *yára* do rio!...

— Uma *yára* do rio. Toda núa, tinha apenas para cobrir-lhe o collo os cabellos, verdes como o limo das pedras; era branca como a espuma das cachoei-

(1) *Yára*, — entidade fabulosa, fada ou sereia, que os sertanejos suppõem viver na agua dos rios.

ras, e os olhos tinham mais brilho do que a estrella d'alva...

— Tu sonhaste, pae! — disse o mais moço dos filhos.

— Por Deus, que não sonhei! Vi uma *yára* do rio, affirmo e juro. Ainda podeis ver o caminho humido, da agua que gottejava dos seus cabellos verdes.

— Sim! estão humidos os caminhos, porque o relento da noite os humedece.

— Por Deus! estão humidos das gottas que rolaram dos cabellos verdes da *yára*. E mais : não vos fica bem essa duvida, meus filhos, quando é vosso pae quem vos fala. Já vos menti alguma vez?

— Nunca! — disseram todos.

— Então chegae-vos bem para mim, bem perto; que eu vos fale, mas que o vento da noite não leve além uma só das palavras que eu vos dissér, uma só das palavras que me disse a *yára*. Chegae-vos bem para mim, bem perto!

E os rapazes apertaram-se em volta de

Serapião. — Agora, — continuou o bom velho, — jurae por Deus que nem uma só das palavras que ides ouvir passará dos vossos labios para os ouvidos de outrem.

— Juramos!

— Prestae attenção, para que eu não me cance em repetir-vos. Esta terra que a luz do céo alumia, — disse com mysterio o velho, — esta terra que nós pisamos guarda um valiosissimo thesouro. Quem o escondeo foi o velho *pagé* (1) de uma tribu forte, quando a nossa terra foi invadida pelos descobridores. Escondeo-o e partio, internando-se nas selvas não desbravadas, certo, porém, de que não fôra visto emquanto cavava o esconderijo para o seu thesouro. Se homem não havia á espreita, — a *yára*, por entre

(1) *Pagés*, — sacerdotes, adivinhos e curandeiros dos indios do Brasil.

as tabúas, espiava, e conhece o sitio em que se conserva a riqueza maravilhosa.

— E disse-t'o? e indicou-o, meu pae? — acudiram todos os rapazes com ambição.

O velho, porém, moderando as palavras, continuou: — Não, mas prometteo fazel-o no dia em que os cafeeiros, em vez de flôres de prata, desabrochassem em flôres de ouro.

Os rapazes entreolharam-se pasmados.

— Vejo que não acreditaes nas minhas palavras, filhos; é natural: eu, mais velho do que vós, tambem sorri das expressões da *yára*, e foi preciso que ella, para que eu acreditasse, me dissesse: — Velho, nada é impossivel! Para que os cafeeiros, em vez das flôres alvas que costumam toucar a sua rama, dêem flôres da côr do ouro, basta que os não esqueçaes, que os não deixeis abafados pela herva perniciosa; basta que se lhes

chegue a terra, que se lhes dê o adubo, que se lhes faça a limpeza em redor do tronco afim de que os aqueça o sol e as chuvas se entranhem até as suas raizes; isto feito, em pouco vereis os cafeeiros dourados, e, nesse dia, eu virei mostrar-vos o sitio onde o *pagé* guardou, numa enorme igaçaba, o thesouro da tribu!

Os rapazes, entendendo-se com os olhos, suspiraram, e um d'elles, offerecendo arrimo ao pobre velho, disse-lhe :

— Vamos, meu pae; faz frio, a noite vae alta e em casa arde um lume que vos ha-de fazer bem!

— Vamos! — disse com brandura o velho.

E caminharam vagarosos atravez dos campos illuminados pelo luar silencioso.

Ao amanhecer, porém, os rapazes, despertando, viram deserto o catre do velho pae, e logo, tomados de apprehensões, ergueram-se :

— Onde terá ido tão cedo? Que terá ido fazer?

— É a loucura da velhice que assim o faz andar desatinadamente, — respondeo o mais velho á pergunta do mais moço.

— E havemos de o deixar ao sol?

— Melhor é que o vamos buscar ao campo e que o tenhamos sempre junto de nós, vigiado como uma creança.

— Sim, vamos buscal-o ao campo.

E fôram. Não andaram muito, porque logo ouviram a voz de Serapião que cantava, e a pancada secca de uma enxada batendo a terra.

— Trabalha! — exclamou maravilhado um dos rapazes.

— Trabalha! disseram todos; e embrenharam-se.

Effectivamente o velho trabalhava, capinando, eito acima, uma rua de café.

O suór escorria-lhe da fronte, onde os cabellos brancos formavam pastas, o

suór pingava-lhe da barba; e o peito, que a camisa entreaberta desnudava, reluzia humido. Vendo-o, os filhos bradaram:

— Oh! que fazes ahi, pae?

O velho risonho, com os pequeninos olhos illuminados de um fulgor estranho, voltou-se esfregando as mãos, com o cabo da enxada encostado ao peito:

— Que faço? Pois não vêdes? lucto, a ver se consigo despir dos mattos e das parasitas os cafeeiros para que se cumpra a promessa da *yára* do rio. Ao menos morrerei tranquillo, se vos deixar o necessario para que não tenhaes uma velhice triste como a que eu arrasto!

— E tu, só, queres dar cabo de tanto?

— Eu só, já que me deixaes só. Mais depressa viria o thesouro ás nossas mãos, se fôssemos todos a trabalhar; mais depressa viriam a fartura e a paz; assim virá mais vagarosamente, mas que

me dê forças o Senhor e saúde, e eu não dormirei contente emquanto não tiver de *yára* o melhor da promessa.

Ouvindo-o falar assim, com tão segura convicção, um dos rapazes disse ao outro, em segredo :

— Quem sabe se o que julgamos allucinação de velhice, não é verdade? Não é mais prudente nem mais avisado do que elle o mais notavel dos nossos homens conterraneos; ninguem o apanhou jámais em falsidade; todos lhe pedem conselhos, todos o querem ouvir; e tal não aconteceria, se lhe percebessem desatinos, vindos da razão enfraquecida. Quem sabe se não é verdade?

— Sim, quem sabe?

— Falam tanto de encantamentos! Melhor seria tentarmos. Juntos, em pouco tempo daremos conta da tarefa, e talvez appareçam nos cafeeiros as annunciadas flôres de ouro. E que regalo, se encontrarmos a riqueza da tribu!

— Melhor do que o fazendeiro mais rico...

— Muito melhor por certo!

Já o velho tornara á terra, cantando, quando os rapazes, concertados, desceram á casa, rebuscando entre os ferros esquecidos os melhores; e, tomando d'elles, metteram-se pelos mattos densos. Á tarde, caía o crepusculo nevoento, e o velho descia a caminho da casa, quando vio, com alegre sorpreza, os filhos em turma, trabalhando. Deteve-se; e a emoção foi tão forte em sua alma, que as lagrimas saltaram violentas dos olhos do sertanejo; e quem por perto d'elle passasse ouviria o que disse commovidamente: — « Bemdita *yára!* Bemdita *yára!* » E foi-se cantarolando, risonho e feliz, com a enxada ao hombro.

No dia seguinte, ao luzir d'alva, Serapião erguia-se do catre, quando o mais velho dos filhos procurou-o:

— Fica!— lhe disse; — não é preciso

que venhas ao campo. Se fôr verdade o que te disse a *yára*, dentro em pouco verás limpos de toda a herva os cafeeiros. Somos mais robustos do que tu; fica e descança.

E o velho disse:

— Ide, e que Deus abençôe o vosso trabalho; eu fico, e, para que a inercia não me amollente o corpo e o espirito, trazendo-me a preguiça e os pensamentos tristes, vou distrahir-me reparando os estragos que o tempo tem feito na cabana que nos abriga. De volta, á tarde, trazei o sapé para substituir o colmo que mal nos resguarda das chuvas e eu mesmo cobrirei a cabana. É justo que quem trabalha durma tranquillamente, sem que as gotteiras o façam andar com o leito d'um para outro sitio. Ide! e que Deus abençôe o vosso trabalho!

E os rapazes partiram.

O velho ficou, e, conforme a promessa que fizera, pôz-se a retocar os muros

abertos em frinchas; e á noitinha, quando os filhos entraram, mostrou-lhes o trabalho que havia feito, e elles entregaram-lhe os feixes de sapé que haviam cortado; e sentaram-se á meza, comendo com appetite e satisfacção. O velho, sempre ao fim do repasto, dizia á maneira de oração: « A *yára* deve estar satisfeita; dentro em pouco terá perdido o seu encanto »

E assim passou um anno.

Os rapazes, por vezes, desanimavam; mas sempre havia um, mais ambicioso, que acoroçoava os outros :

— Que! pois agora que vae em tão bom seguimento o trabalho, é que vocês querem deixal-o? Vamos! Quem sabe se já não estão abotoando as flôres de ouro?

E, assim excitados, tornavam todos á terra.

E veio o tempo das colheitas.

Os milhos e as cannas faziam um extenso mar dourado, ao sol; os arrozaes

alastravam os alagadiços com um fino tapete de velludo verde; o mandiocal cobria com a sua rama as encostas outr'ora seccas; o feijão, enroscando-se nos pés de milho, subia tanto, que se confundia com as estrigas louras; e tudo promettia uma colheita abundante.

Os rapazes suspiravam: « Estavam carregados de flôres os cafeeiros... ah! mas não eram de ouro as flôres. De que lhes servira tanto esforço, ao sol? »

— Perseverança, meus filhos! perseverança! — As flôres de ouro hão de vir, as *yáras* não mentem. Vamos tratar de recolher os primeiros presentes da terra. E começaram a colher; mas eram em tal abundancia os productos, que os rapazes tiveram necessidade de recorrer aos visinhos, alugando carros e gado para transportar os fructos; e, como todos viam a prosperidade do sitio, ninguem recusou o que pediam os rapazes, e mais ainda lhes offereciam.

Gente supersticiosa, porque desconhecia o caso do thesouro, começou a murmurar: — que alli andava a mão do diabo! terras, hontem tomadas pelo matto, como podiam estar assim florescentes?!

E fugiam do sitio os supersticiosos, inventando lendas tenebrosas.

Vendida grande parte da colheita, com o producto os rapazes desceram á feira, e compraram gado, aves, e novos instrumentos; sortiram a despensa, encheram os paióes, e tiveram abundancia e alegria. O velho, contente, saía á tarde para o terreiro, e chorava lagrimas de alegria, vendo que se ia lentamente realisando a promessa da « *mãe d'agua* » (1). Já se ouvia o mugido dos bois nos campos d'antes tão silenciosos; e, todas as manhãs, a preta saía com uma grande

(1) *Mãe d'agua*, — o mesmo que *yára*.

malga para ordenhar as vaccas; ovelhas balavam, gallinhas cacarejavam; nas cevas, grandes porcos roncavam, e já as manhãs não passavam sem o canto alegre dos gallos: agora eram seis a cantar no poleiro.

Mais outro anno passou, mais farto do que o primeiro; os filhos, porém, apesar de verem as arvores vergadas ao peso dos fructos, suspiravam: « porque não vinham aos cafesaes as flôres de ouro?! »

— « Perseverança, meus filhos; perseverança! — dizia o velho. — As flôres de ouro hão de vir, as *yáras* não mentem ».

— E recolhia á grande arca o que os filhos traziam do mercado, onde haviam ido vender os productos do sitio.

Seis annos depois, já os rapazes tinham desesperado da promessa da *yára;* mas, como se haviam habituado ao trabalho, saíam todas as manhãs para os campos

que eram então os mais bellos e os mais ferteis da redondeza. O velho enfermou gravemente, sendo levado em braços para o leito.

Os filhos, tristes, cercavam-no; e já a vista se lhe turbava, quando elle acenou tremulamente, chamando para bem perto todos os rapazes, e, sentindo-os junto ao leito, disse :

— Meus filhos, já agora posso fala-, dizendo-vos o melhor do segredo da *yára*. Habituastes-vos ao trabalho, e certo estou de que o não trocareis mais

nunca pela vida inerte que levaveis. A alegria está comnosco, temos a abundancia e a paz, nada nos falta. Já não mendigamos o pão com que nos alimentamos, nem a lã com que nos cobrimos; o vento já não zumbe nos quartos da cabana de muros brancos; lá fóra o gado procrêa; já não basta um curral para conter as crias que vão nascendo; as arvores estão carregadas de fructos, e já não andaes descalços nem cobertos de andrajos : tendes tudo, e mais ainda : a consideração dos homens, que já não vos apontam como frequentadores de estradas, desconfiando de vós se lhes faltava uma ovelha ou um fructo no galho... Bem vêdes que não vos menti!

O mais moço, porém, que tudo ouvira em silencio, não se conteve, vendo que o pae, cançado, emmudecera :

— Mas os fructos de ouro, meu pae... a promessa da *yára*?

— Os fructos de ouro? ah! os fructos

de ouro... eu os fui ajuntando, para fazer-vos a sorpreza, e tenho-os alli, naquella velha arca. Ide ver! a chave está commigo, procurae-a debaixo do meu travesseiro!

E o mais moço dos filhos, ouvindo as palavras do moribundo, procurou a chave; e, achando-a, correo com ella para a grande arca, cercado de todos os irmãos; e, quando abrio, um grande grito saío de todos os peitos: — Oh!

Estava atopetada de ouro! E os rapazes, mal contendo a emoção, precipitaram-se para junto do leito do moribundo:

— Que fortuna é essa, pae?

E o velho, com a voz enfraquecida, disse:

— É o thesouro da *yára* que estava escondido na terra!

— E foste tu que o descobriste?

— Eu, não, meus filhos: apontei-vos apenas o caminho! Quem o descobrio

fostes vós, com o vosso trabalho perseverante; eu accumulei com economia, e agora entrego-vos o que vos pertence. E sabei, filhos meus! em todo e qualquer ponto da terra ha um thesouro escondido, cuja descoberta só é possivel fazer-se com o trabalho. Tendes agora abundancia e paz; e, se quizerdes augmentar a vossa fortuna, voltae á terra, — que ainda e sempre achareis o que extraír de suas entranhas. Lembrae-vos da *yára*, lembrae-vos da *yára*...

E, sem mais dizer, cerrou os olhos docemente, repousando a cabeça no travesseiro.

Estava morto, e sorria.

O PERNA DE PAU

O PERNA DE PAU

Já grisalho, alto e magro, olhos miudos e negros, mas de um brilho estranho, viam-no todas as manhãs passar á porta do collegio com uma grossa e nodosa bengala.

Conheciam-no pelo toc-toc da perna de pau; e logo, chamando-se uns aos outros, corriam todos os meninos ás grades, e, quando o invalido passava, rompiam em assuada: — Oh perneta!

Elle sorria docemente; os seus olhos bravios, de uma expressão feroz, ameigavam-se; e, longe de agastar-se, tirava o seu grande chapéo de abas largas e fazia uma barretada, não sei se para brincar

com os pequenos, se para lhes mostrar os cabellos brancos.

Um dia o director chamou-o, para

lhe fazer presente de umas roupas, de sorte que, á hora do recreio, quando os meninos saíram para o pateo, viram com sorpreza o *Perna de pau* sentado tranquillamente em um dos bancos.

Receiosos murmuraram : — Vem dar

parte! Vem queixar-se ao director! — mas o bom homem sorria com tanta meiguice, que um dos pequenos ousou acudir ao seu chamado.

— Venha cá, meu menino! Tem medo de mim?

— Não! — disse com orgulho o pequeno.

— Então venha até cá... Eu gosto muito de creanças.

O menino adiantou-se, e os outros, vendo a bondade do invalido, acercaram-se d'elle, e o bom homem ficou numa rodá de creanças, feliz, sorrindo. Um dos pequenos, curioso, perguntou-lhe então ingenuamente:

— Que é da tua perna, homem?

— A minha perna, meu menino? a minha perna um bicho mau a levou!

A estas palavras a curiosidade dilatou todas as pupillas, e os meninos, esquecendo o recreio, chegaram-se mais ao homem, perguntando:

— Que bicho? Como foi? Conta...

— Ah! meus meninos... eu era um rapaz robusto; vivia na minha terra descançadamente, quando correo a noticia de que uma féra, que deitava fogo pela bocca queimando as cabanas e as plantações dos pobres, andava se arrastando pela visinhança da nossa terra.

Diziam que ella matava velhos e creanças. Muitos moços da minha edade partiram para combater a féra que lhes ameaçava a casa e a vida dos velhos paes; eu tambem tinha a minha mãe, uma velhinha, e, quando me disseram que o animal podia vir matal-a, não pensei mais, meus meninos, tomei de uma arma e parti num bando.

Todos quantos nos viam passar abençoavam-nos: um, porque nós iamos defender o seu campo, outro, porque iamos defender a sua casa; a mãe, porque iamos evitar que a féra lhe viesse arrancar o filho dos braços, o enfermo,

porque não consentiriamos que fôsse maltratado. Os velhos mostravam-nos os cabellos brancos, as donzellas atiravam-nos flôres, e nós seguiamos, levando todas essas lembranças num registro, que um dos nossos conduzia, para que sempre nos lembrassemos do que viramos e ouviramos.

E chegámos ao sitio em que a féra urrava. Ah! meus meninos! quanto mal ella já havia feito! Quanta creancinha orphã, quanta cabana reduzida a cinzas, quantos campos devastados! Felizmente encontrámol-a e o combate travou-se.

Muitos dos meus companheiros lá ficaram, devorados pelo dragão terrivel; eu, mais

feliz, apenas perdi uma perna : e não me arrependo, nem lastimo a dôr que soffri, porque, de volta á casa, encontrei minha mãe fiando, e vi a minha terra tranquilla e farta, todas as mães contentes, e os velhos respeitados.

— Que seria de vossas mães, meus meninos? talvez tivessem sido victimas como outras fôram...

— E que bicho era? perguntou o pequeno curioso.

— A guerra, meu menino! — disse o invalido. — Foi na guerra que deixei a minha perna, e não me arrependo de ter ido, não me arrependo : fiz o meu dever, defendendo a minha Patria, e, quando voltei com o peito coberto de medalhas, ainda achei minha velha mãe que me abençoou.

Hoje estou velho, doente, e os meninos riem-se de mim...

— Não riremos mais! — disse um pequeno com os olhos rasos d'agua; e,

atirando-se ao pescoço do velho soldado, pôz-se a dizer, commovido :

— « Não riremos mais! Não riremos mais! » — e o *Perna de pau*, no meio das creanças que procuravam abraçal-o, rindo, mas com duas lagrimas nos olhos, dizia :

— Ah! meus meninos, assim dão cabo de mim, assim dão cabo de mim! — e todos festejavam o invalido, promettiam-lhe presentes, abraçavam-no.

Felizmente pôz termo ao assalto de ternura a sineta, chamando para a aula...

PATRIA NOVA

PATRIA NOVA

Era dia de descanço no grande engenho. Todas as machinas estavam paradas, todos os instrumentos de trabalho guardados. A missa findára; da

capella, em bandos alegres, vestindo as suas melhores roupas, sahiam as familias, para o passeio e o folguedo.

Sósinho, fincando os cotovellos nos joelhos, e repousando a cabeça nas mãos, um colono já quasi velho, mas homem robusto ainda, em cuja cabelleira ruiva começavam a apparecer os primeiros cabellos brancos, — scismava, alheiado de tudo, insensivel ao barulho de festa que ia pelas casas da colonia.

Formosa, aquella manhã ! No fundo azul do ceo recortavam-se as montanhas de um verde quente, e, á beira do riacho, que cantava, sobre as pedras e as hervas rasteiras esmaltadas de flores silvestres, voavam os passaros, tontos de tanta luz. O sol dava um brilho novo ás vidraças das casas, batia em chapa sobre as ardosias dos telhados, e animava toda a paizagem de uma alegria communicativa, que se apoderava de todas as almas. Era domingo. As ultimas pancadas festivas do sino morriam docemente na paz risonha do arredor.

Mas o colono continuava a scismar,

sósinho, affastado da gente que se divertia...

É que por um dia como aquelle (havia justamente dez annos!) sahira elle da sua aldeia natal, sob o ceo napolitano, — em busca de terras que com menos avareza recompensassem a fadiga do seu trabalho.

Agora, novas terras, nova natureza, gente nova, dias de febre e de esperança primeiro, dias de conforto e de fartura depois, — não lhe haviam permittido o desejo de voltar a soffrer em vão, sem proveito, sobre a terra ingrata, que não tinha pão bastante para dar á tanta gente que lh'o pedia... Mas ninguem esquece a sua terra, por mais pobre, por mais triste que ella seja! E o colono evocava a recordação do dia em que de lá sahira, — e revia todos os aspectos familiares da linda aldeia: as creanças nuas e espertas que se arrastavam no pó, os velhos que ficavam ás portas apoiados nos bordões,

os rapazes que o sol queimava, e as raparigas robustas que iam com elles para o penoso officio das lavouras. E uma grande tristeza lhe pesava sobre o coração cheio de saudades...

Mas nesse momento alguem se approximou d'elle. Era uma forte mulher, ainda no verdor da idade, trazendo ao collo uma creança. Chegou, pousou a mão no hombro do colono que se absorvia na meditação, e despertou-o da scisma :

— Que é isso, pae? Já o pracurámos por toda parte... Que tem? porque foge de nós num dia como este, e vem aqui ficar, sósinho, com a sua tristeza?

— É justamente por causa do dia de

hoje que me vês triste, filha! — disse elle. — É possivel que te não tenhas lembrado que foi neste dia, ha dez annos, que sahimos da nossa terra?

Uma nuvem de melancolia sombreou a face da rapariga. Esteve, durante alguns segundos, callada, ageitando a ponta do chale, para livrar dos raios do sol o rosto do pequenino que dormia. Depois, olhando com amor a face triste do pae, respondeu:

— Como não havia de me lembrar, pae! Logo de madrugada, comecei a pensar nisso... Estive revivendo o dia em que sahi de lá, solteira ainda, deixando as companheiras dos meus folguedos de creança... Estive contemplando, em imaginação, o cemiterio da nossa aldeia, em que está a sepultura

de minha mãe... Como é que eu poderia não ter saudades? Mas callei-me, e disfarcei, para não lhe dar essa magoa, pae... Pensei que não se lembrasse!

— Lembro-me, filha, lembro-me bem! Quem esquece a sua terra não tem coração!

Ficaram callados ambos. Depois, a filha continuou:

— Mas escute, pae! Porque ha-de ficar triste? mais vale esquecer, e viver feliz, gosando a fortuna que o seu trabalho lhe está dando aqui! Ouça! eu, por mim, estou disposta a não pensar mais nisso: foi aqui que vi felizes todos os meus, foi aqui que casei, foi aqui que nasceu o meu filho, o seu neto... Porque é que não hei-de amar esta terra, como se ella fosse a minha?

O colono olhou fixamente a filha:

— Como?! pois tu és capaz de esquecer a tua terra?

Ella hesitou um momento; mas,

logo em seguida, com a voz firme, disse :

— Não ! esquecer não posso... não posso... Mas diga-me : a terra de lá é que é a sua, e é a que é a minha... qual é, porém, a d'esta creança que aqui está, que nasceu aqui e que vae crescer ignorando a lingua que nós mesmos já vamos esquecendo, e vendo todos os dias, da infancia á idade madura e á velhice, esta patria da liberdade e da riqueza ? Olhe ! veja como ella bate palmas, contente, a este sol que a viu nascer !

De facto, a creança acordára. Piscava os olhinhos, entre as palpebras gordas, sentindo o ardor do sol, e agitava-se, rindo, no collo da rapariga.

O homem sentiu os olhos humidos, e, tomando a creança nos braços, exclamou:

— Tens razão, filha ! Esta é a terra do teu filho, esta é a patria do meu neto : porque é que não ha-de ser tambem a nossa terra ?

E, alegre, levantando e abaixando a creança, no ar, com os seus braços robustos, começou a brincar com ella, dizendo-lhe, com o seu accento napolitano :

— Bravo, brasileirinho ! bravo, brasileirinho !...

O AMBICIOSO

O AMBICIOSO

De volta do cemiterio, onde, sem uma lagrima, deixára o corpo do pae, Felicio recolheu-se á casa deserta, e como havia luar, nem accendeu a candeia, para poupar o azeite.

Sentado sob o alpendre, pôz-se a olhar o arvoredo frondozo, cuja folhagem reluzia á claridade, e, mais longe, ondulando, o cannavial e o milho.

O velho aproveitára toda a terra lavradía, respeitando apenas o pequeno bosque, em que se abrigava a fonte, e onde, elle e os camaradas, iam recolher os galhos seccos com que alimentavam o lume.

Seis homens robustos trabalhavam como jornaleiros, ajudando-o no aspero

labor agricola — uns ao arado, outros na carpa, ou colhendo, ou plantando.

As mulheres cuidavam do serviço domestico, e ainda raspavam a mandióca,

debulhavam o milho, batiam o feijão, retiravam o mel dos favos, e reuniam, á tarde, as aves.

As proprias creanças eram aproveitadas, — umas guiando o gado aos pastos, outras levando a comida aos trabalhadores, á roça; e, como havia fartura, era um encanto a vida no sitio que prosperava a olhos vistos.

Sabia-se que o velho tinha haveres; nem elle fazia mysterio d'isso; antes affir-

mava com garbo, para estimular os homens ao trabalho : « O pouco que tenho, deu-m'o a terra, assim o ganhareis, se trabalhardes com perseverança. Eu não vos engano — tendes de mim o que mereceis. O bem que fizerdes vos será contado e pago. »

E assim era.

Felicio, porém, não se contínha aos sabbados; mal sopitava a raiva quando o pae pagava a féria aos camaradas.

Aquelle dinheiro, passando a mãos alheias, doia-lhe, como se fosse a sua propria carne tirada aos tassalhos; e, sempre que se recolhia ao leito, murmurava com avareza :

— Hei de acabar com isto! Para que tanta gente? Um só homem basta, e esse serei eu!

Assim pensou, e assim fez.

No dia seguinte ao do enterro do velho, Felicio chamou os camaradas, fez-lhes as contas, e depediu-os.

* * *

Quando se viu só, Felicio esfregou as mãos, contente, dizendo :

— Agora sim ! Tudo quanto fizer será meu. Não tenho mais quem coma o que eu planto, nem quem leve os meus lucros!

Os mesmos cães, que guardavam a róça, dando caça aos animaes damninhos, foram enxotados á pedrada; e o ambicioso ficou solitario, olhando a lavoura exuberante que se desenvolvia ao sol.

Vieram, porem, as chuvas, e a terra entrou a produzir doidamente. O matto apontou, cresceu, invadindo as culturas, cobrindo os caminhos que desappareciam; e Felicio, levantando-se muito cedo, ainda com as estrellas a luzirem no ceu, sahia, e lá se punha a capinar com ancia.

Por não ouvir as vozes dos animaes que alegravam o sitio, — um boi a mu-

gir, uma ovelha a balar, aqui uma gallinha cacarejando aos pintos, adeante, a pata, com a pequenina fróta pennugenta dos patinhos, — ficou preoccupado.

Por onde andariam? Talvez no pasto. Era melhor assim: não só lhe poupavam o trabalho de os tratar, como ainda, alimentando-se com o que buscavam — e havia tanta herva e eram tantos os bichinhos! — livravam-no de despezas.

E voltava á terra com desespero.

Para não perder tempo em fazer lume, almoçava uma fructa, e continuava a trabalhar, casmurro.

Todo o seu esforço, porém, não conseguia conter a invasão. As hervas más appareciam em toda a parte; e, apenas a enxada deixava um talhão, logo os rebentos abrolhavam.

Ás vezes, elle sentava-se á borda das rampas alagado em suor, os braços doloridos, e ficava para alli inerte, com a alma cheia de desanimo, revoltado contra

aquella vegetação perniciosa que lhe compromettia a lavoura. Logo porém, excitado pela ambição, retomava a enxada e proseguia no trabalho.

Em pouco tempo a linda, viçosa lavoura de outr'ora desappareceu, supplantada pelo hervaçal bravio ; e, onde o milho lourejava com a sua estriga de ouro desnastrada ao sol, cresceram arbustos agrestes e palhegal farfalhante, por entre os quaes as cobras venenosas rastejavam chocalhando.

Os animaes, mal a noite baixava, sahiam das tócas, devorando e destruindo a plantação. Todas as manhãs, Felicio parava, pesaroso, deante

das cóvas que elles abriam á noite, e ainda achava restos de mandioca, batatas, raizes de aipim abandonadas á flor da terra.

Já começava a desesperar; mas sempre ambicioso, não se resolvia a recorrer aos jornaleiros.

Se chamasse alguns homens, tudo voltaria ao antigo viço; mas teria de lhes pagar. Não quiz, insistio no labor inutil que só o alquebrava, e, quando cahía prostado, arquejando, logo ouvia os bem-tevis, que, das arvores, pareciam vaial-o e rir da sua pretenção ridicula.

Levantava-se enfurecido, indignado, blasphemando, attribuindo a sua desgraça aos invejosos que haviam lançado máos olhos ao sitio.

Um dia, sentiu na agua em saibo estranho e logo suspeitou que o andavam envenenando.

Subiu ao bosque para examinar a fonte. Difficilmente deu com ella, tão cheia estava de folhas e ramos podres;

até cadaveres de animaes boiavam nas suas aguas dantes tão limpidas, porque o velho, de quando em quando, mandava um dos camaradas limpar a fonte para evitar que se formassem balseiros.

Então, lá de cima, lançando os olhos á planicie, viu toda a grandeza da sua desgraça : — a róça era um matto intonso, e já em torno da casa os espinheiros cresciam e os joás davam os seus venenosos fructos de ouro.

As lagrimas saltaram-lhe dos olhos; e, comprehendendo a sua impotencia, deixou-se cahir em terra humilhado, certo que, sósinho, jamais conseguiria pôr cobro áquelle mal que era uma vingança da terra.

Lembrou-se, então, dos homens, os leaes trabalhadores que haviam ajudado o velho a ganhar o dinheiro que lá estava, em bôas moedas, no fundo da arca.

Ah! se elles alli estivessem... as arvores estariam cobertas de flores, as cannas

estariam crescidas em touceiras, os milhos ostentariam as gordas espigas, e o gado reluziría nédio.

O gado... Onde andariam os seus bois, as suas ovelhas, as suas cabras, os seus cevados e bacorinhos e as aves!? Fosse elle procural-os!

Com um arrancado suspiro desceu vagarosamente á planicie.

Á noite, preoccupado e sem somno, poz-se a andar pela casa deserta.

Sahindo do alpendre, pareceu-lhe ver e velho pae sentado no banco, em que costumava ficar á noite, fumando o seu cachimbo, a olhar distrahidamente as estrellas luminosas.

Attentou na visão, e reconheceu o defuncto. Felicio poz-se a tremer, agarrado a um dos esteios, e ouviu o pae que, em voz triste, lhe disse :

— É a ambição que te vae levando á miseria, filho! Quizeste, por avareza, fazer o impossivel e com ancia de tudo

aproveitar, tudo perdeste. Se não houvesses despedido os auxiliares que aqui deixei, não estarías agora a lamentar o prejuizo : onde ha matto haveria flor, a agua correria livremente e pura, as róças estariam viçosas, e sentirias a companhia do teu semelhante, e ouvirias, no teu repouso, as vozes dos animaes. Fazendo felizes serias venturoso. O muito querer é sempre prejudicial. Quem dá trabalho enriquece sorrindo; quem, do seu pão, dá uma migalha ao pobre, farta-se e faz ventura. Que conseguiste com a ambição?

Antes de lavrar, terão os homens que desbastar; e assim vaes pagar o teu peccado com as moedas do cofre e ainda com a humilhação. Ficaste isolado, a urze da terra sahiu para acompanhar-te. Se não quizeres que o mal entre no teu coração, enche-o de bondade : a alma virtuosa não acceita o peccado, é como a leira bem plantada e cuidada, onde não cresce o espinhal. Nos espiritos vasios, como

nas terras sem cultura, nascem os máus pensamentos como rebentam os cardos. Quizeste, só com os teus braços, fazer a tarefa de seis homens, e nem a tua levaste a termo: porque, mal acabavas a carpa, logo as hervas renasciam. Chama os que despediste, dá-lhes trabalho, e não penses que elles te furtam o pão, accrescentam-no e abençôam-no. O egoista é como o areal solitario, que, por não dar vida á planta, soffre todos os rigores do sol sem o fresco dos arroios e o gozo da mais pequenina sombra. O mundo é de todos, e só se é verdadeiramente feliz, quando se é bom. Chama os que partiram, recebe-os na tua casa, paga-lhes o trabalho que fizerem, e elles renovarão o que a avareza destruiu, e tornarás a ver os fructos, a ouvir os gados, e outras moedas se irão juntar ás que deixei na arca!

Felicio ficou um momento amparado ao esteio, mas o silencio não foi mais interrompido: o velho desapparecera.

O velho!... Teria sido elle, ou a propria consciencia do avarento que assim se manifestára?!... Mysterio!...

* * *

Na manhã seguinte começavam a cantar os passarinhos, quando Felicio desceu á villa para contractar jornaleiros.

Hoje, o sitio é o mais bello do lugar. A casa é nova, e, em torno della, outras avultam; e, entre as arvores frondosas, é, da manhã á tarde, um alegre cantar de lavradores.

E os milhos crescem, cresce o cannavial, o pomar é todo fructo, e Felicio prospéra, contente, vendo á volta da sua felicidade tanta gente feliz a bemdizel-o.

O LENHADOR

O LENHADOR

Quando chegamos á cabana do velho Amancio, á bocca da matta, um cãozinho, que dormia encolhido sobre um monte de bagaços de canna, já

seccos, perto de uma moenda, saltou ladrando; mas o velho aquietou-o, e, abrindo a cancellinha, que dava ingresso ao terreiro, recebeu-nos amavelmente.

A casa, de taipa, coberta de sapê, era um ninho entre arvores. As laranjeiras carregadas vergavam os ramos ao peso dos fructos.

A um lado o cannavial e os milhos, a outro lado a horta, onde cantava um fino corrego; e, sob a rama frondosa de robusta mangueira, agasalhava-se o paiol modesto; mais adeante, o cercado onde berrava a cabra leiteira, o gallinheiro e a céva.

Amancio era homem de cincoenta annos, moreno e robusto, de olhos vivos, barbas e cabellos grisalhos.

Falava sorrindo com expressão affavel; e a bôa Livia, sua esposa, que o acompanhava desde a mocidade, já com a pelle enrugada e a cabeça toda

branca, parecía mais velha do que elle.

Quando entrámos na sala da pobre gente, fóra, na matta, as cigarras cantavam, e as pombas punham uma nota de melancolia no crepusculo. Vendo-nos com a espingarda, e sabendo que pretendiamos passar a noite na montanha, para que pudessemos sorprehender a caça á hora em que ella sahe pelas trilhas socegadas, Amancio offereceu-nos do que tinha no armario, em quanto a bôa Livia estendia na mesa tosca uma toalha alvissima, que exhalava o suave perfume da herva de S. João.

Acceitando o repasto que nos offerecia o honesto lenhador, puzemo-nos á mesa.

Á luz de uma candeia, a sala tinha um triste aspecto, mas a pobreza era largamente compensada pelo escrupuloso asseio.

Mariposas voavam em torno da can-

deia; e lá fóra, no silencio, á luz das estrellas, os sapos coaxavam. Em uma das paredes, entre varios *registos* de santos, havia uma lithographia representando o general Osorio.

— Vosmecês estão olhando? — disse o lenhador sorrindo. — Aquelle é o homem que nos defendeu nos campos da guerra; por isso está perto de Nosso Senhor. A gente acostuma-se a querer bem a esses patricios, e acaba fazendo o que eu fiz. Livia anda sempre lidando commigo para tirar o retrato d'ali, porque não é santo. Mas fez tanto como se o fosse, porque salvou a honra do povo! Pois não é assim? Deus Nosso Senhor no ceo ha de approvar o meu pensamento. Eu sou assim: Tudo por minha terra e pelos homens que lhe fazem bem.

— Desde quando vives neste monte, Amancio?

— Eu sei lá! Posso dizer que foi neste cantinho que nasci. Quando dei por mim,

meu pae, que era um caboclo forte, morava em uma casinha, um pouco lá mais embaixo. Tudo era matto, n'esse tempo; hoje é quasi tudo cidade. Ainda as onças vagavam pelos caminhos, e não se andava neste monte com o socego com que se anda agora...

— Havia perigo?

— Se havia perigo! Tudo isto estava ainda como quando Deus creou. Bem me lembro! À noite era um cuidado! Muita vez meu pae sahía com a espingarda para espantar as *suçuaranas* que rondavam a casa. E isto não era como é hoje. Os bichos foram para longe, não ha mais aqui em cima, nem mesmo na Mantequeira onde está o Itatiaia, que é o pico mais alto do Brazil, vosmecês sabem. Só as arvores ficaram, ainda assim já desceram muitas.

E o velho lenhador baixou a cabeça grisalha, mas lavantando-a, pouco depois, continuou:

— Americo (vosmecês não conhecem meu filho Americo, que é marinheiro?) disse-me, certa vez, uma coisa que me fez pensar : « Ah ! meu pae, a gente na cidade é que comprehende o valor das arvores que foram as suas campanheiras. O tronco que meu pae derruba vem para as officinas — de uma sahe feito navio, de outra sahe transformado em leito : é a mobilia do rico, é o catre do pobre, é o esteio da casa, e é o altar. Quasi tudo quanto a gente vê em construcções sahio da floresta. O navio, em que eu ando, foi um canto de bosque — teve folhas e flores — hoje, depois que os troncos foram trabalhados, anda sobre as aguas : é a floresta que defende a Patria, é a floresta que vae pelo mundo levando a nossa bandeira nos mastros como uma flor no galho. Eu vejo a floresta em toda a parte, meu pae. » É bem verdade! Americo disse bem ! E não é só a madeira que vae do monte — é a agua, que mata

a sêde, é a caça, que alimenta, são as pennas dos passarinhos, é a flor, é a resina, é a herva que cura, é tudo quanto ha de bom neste mundo. No tempo da guerra — tempo triste! — vieram aqui buscar madeira para os navios, para os carros, para esteios, e a matta foi descendo, a seguir com o exercito. A terra tambem entra em combate quando os seus filhos pelejam por sua honra.

— E você vive de lenhar, Amancio?

— Então? Cada um faz o que póde, comtanto que trabalhe. O carvoeiro vem, abre a cava, queima a lenha e desce com o carvão que vae dar fogo ás casas. Não é um homem honrado? é, faz a sua tarefa. Eu derrubo arvores, vosmecês estudam. Eu trabalho para vosmecês, vosmecês trabalham para mim. É duro o meu serviço, estou com as mãos cheias de callos, mas a minha consciencia é leve, porque nunca procedi mal.

Assim dizendo levantou-se, abrio

uma janella ao luar e ao perfume do monte :

— Se vosmecês querem apanhar alguma coisa, vão indo — agora as pacas estão

bebendo. Eu vou tambem para mostrar os caminhos. Dá cá a espingarda, minha velha; fecha a casa e dorme. Vamos! Está uma noite como poucas, e a gente, aqui em cima, parece que está mais perto do ceo. Vamos com Deus e a Virgem!

E sahimos os tres pelo adormecido monte.

UMA VIDA...

UMA VIDA...

No alto do morro, que demorava a cavalleiro da fazenda, ficava a casinha do velho preto, do velho e meigo *pae João*, tão velho que já não podia andar, e que já todos os seus dentes tinham cahido.

A casa era uma tóca, entre arvores velhas como elle, no meio da verdura das folhagens que abrigavam carinhosamente aquelle centenario, a quem a morte parecia haver esquecido no lindo recanto da terra brasileira. *Pae João*, como o chamavam todos, envelhecera no trabalho. Por muitos e muitos annos a fio, os seus braços empunharam a enxada, beneficiando a terra. Tinha visto, pouco

a pouco, transformarem-se os logares de incultos em productivos, e conhecera toda a gente que por alli passara: já era homem feito quando os velhos de agora ainda eram meninos, correndo ás soltas pelos campos: vira nascer e morrer muita gente, e vira a fazenda passar de senhores a senhores... Agora, havia muito tempo que não trabalhava: mas a gratidão dos donos da terra lhe havia reservado aquelle calmo retiro, ultimo abrigo de toda uma vida de labor e de dedicação.

Logo ao clarear da madrugada, *pae João* sahia, arrastando-se, da sua cabana, e vinha sentar-se á porta, no rustico banco de pau. Já o encontravam alli os primeiros raios do sol, que lhe vinham beijar a cabeça emmaranhada em duros cabellos carapinhados, alvos como a neve. Em torno, a paizagem esplendia. A encosta da collina, atapetada de uma relva macia, descia docemente para o valle, onde assentavam as casas da fazenda. Lá

estavam, longe, as casas dos colonos, *os paiões*, as grandes casas das machinas, a capella pequenina e branca, e, cercando tudo, de um lado as plantações ricas, e do outro o campo vasto, em que o gado pastava, numeroso e nedio... O velho preto, magro e tremulo, sentava-se, cruzava no collo as mãos descarnadas, e começava a acompanhar com amor a agitação de todo aquelle trabalho, que já não era para o seu corpo sem forças. D'alli, via elle a partida matinal para o campo, — o bando alegre dos lavradores fortes, enchendo com a vozeria das suas cantigas a amplidão do céo. D'alli, ouvia elle os toques da sineta, transmittindo ordens, marcando as horas das refeições e do descanço.

Eram as crianças da fazenda que lhe traziam a comida: e *pae João*, comendo, ia com a voz fraca dizendo historias ingenuas, que os pequenos escutavam com delicia. Depois, dormia, á sombra, em-

quanto a viração embalava docemente as arvores e as borboletas revoavam sobre as flores silvestres. Parecia o genio tutelar da fazenda, aquelle bom velho, que a vira nascer, crescer e prosperar...

Ao annoitecer, recolhia-se. Mas, não raro, por noites claras, quando a lua brilhava no ceo, vinha a gente de baixo conversar com elle, e dos seus labios ouvir a historia viva d'aquelles sitios; e muitos colonos brancos,

vindos de longes paizes, gostavam de receber as lições e os conselhos do antigo escravo.

Foi numa noite d'essas que eu conversei com elle, no alto do morro, ouvindo lá embaixo, nas casas dos colonos, a musica das sanfonas e das violas.

— Você, em toda essa sua vida tão comprida, deve ter soffrido muito, hein, pae João? — perguntei com interesse.

Elle levantou para mim os olhos quasi apagados, e teve um sorriso. Depois, começou a fallar, como um pobre preto ignorante que era, na sua linguagem rude; não guardei na memoria as suas palavras, mas guardei o sentido do que ellas queriam dizer:

— Toda a gente soffre neste mundo, moço! mas eu não tenho muita razão de queixa... É verdade que, nos primeiros tempos, tive de chorar bastante, com saudade da minha terra; e, depois, o captiveiro (no tempo em que havia captivos!)

era uma grande maldade!... Mas, se houve senhores maus, que castigavam barbaramente os escravos, tambem houve senhores bons, que não gostavam de ver o soffrimento d'elles. Eu fui um dos primeiros homens que trabalharam aqui. Quando vim, tudo isto era matto. Aqui gastei toda a minha mocidade. Logo depois, porem, fiquei livre, e fui um amigo d'aquelle de quem havia sido escravo. Era eu o seu homem de confiança. Só no meu trabalho é que o senhor tinha fé. Tive filhos : quando houve a guerra do Paraguay, dois de meus filhos, já livres, foram brigar com a gente do Lopes : um ficou por lá, varado de balas ; mas o outro voltou e veio morrer muito depois, nos meus braços, deixando-me cheio de netos... Esses netos andam por ahi, ganhando a sua vida, como os brancos, sustentando as suas familias, trabalhando para si e para os seus. E eu hoje só conheço esta terra, onde me fiz

homem, esta terra que eu lavrei emquanto tive forças, e que ainda hoje, para me pagar o bem que eu lhe fiz, me dá a sombra das suas arvores, e a comida que me sustenta. Toda a gente soffre nesta vida, moço: mas outros soffreram mais do que eu... É por isso que não me queixo! Deus nosso senhor não quiz que eu acabasse os meus dias na miseria, sósinho, sem ter quem me désse um pedaço de pão, e quem me fechasse os olhos na hora da morte. Que é que eu posso querer mais? toda a gente aqui é minha amiga; toda a gente sabe que o coitado do *pae João* nunca fez mal a ninguem. Tambem, todo o povo vem sempre saber como vae o velho... Ah! eu só tenho medo da morte, porque ella me ha-de tirar d'este cantinho que amo tanto! Não soffri muito, não, moço, porque sempre fui trabalhador, e o trabalho sempre faz a gente feliz!...

Assim fallava *pae João*... Eu, ouvindo-

o, pensava em todo o seu passado. Alli estava um homem, que déra tudo á terra querida: déra-lhe o suor do seu rosto, o melhor da sua vida, toda a força do seu corpo e todo o amor da sua alma, — e ainda o sangue de seus filhos... E, agora, já quasi morto, ainda a amava como nos primeiros dias; e a sua mão, cansada e tremula, estendida sobre os campos, parecia abençoal-os, num gesto derradeiro de protecção e de carinho.

QUEM TUDO QUER, TUDO PERDE

QUEM TUDO QUER, TUDO PERDE

— Parece que bateram! — Disse o carvoeiro.

— Foi o vento, — respondeu a mulher.

Effectivamente, a velha cabana, levantada junto ás primeiras arvores da floresta, parecia gemer, e tremía, abalada pelo vendaval, que levantava, em torvelino, as folhas seccas, arrancava robustas arvores, deixando-as tombadas, com as raizes retorcidas á flor da terra.

Os filhos do carvoeiro, tres rapazitos e uma menina, que era a mais nova, cercavam-no, pallidos de medo, persignando-se toda a vez que um relampago alumiava a cabana.

A chuva jorrava com fragor e na floresta crescía o barulho das arvores.

De novo o carvoeiro disse :

— Parece que bateram! Talvez seja algum viajante fugindo á tempestade!

Nenhum dos pequenos se atreveu a ir á porta, que rangia aos empurrões do vento. A pequenita, porém, enchendo-se de coragem, decidiu-se a ver se havia alguem.

Justamente chegava á porta, quando, de novo, bateram, clamando :

— Dae-me agasalho, pelo amor de Deus!

Sem hesitar, a pequenita virou o ferrolho, e, com uma lufada violenta, ao clarão de um relampago,

um velho precipitou-se no interior humilde.

Era alto e magro, estava coberto de andrajos. No lugar em que se deteve, ainda atordoado, ficou uma pôça d'agua, tão encharcado estava.

O carvoeiro levantou-se para recebel-o, o velho, depois de abençoar a pequenita, abeirou-se do lume, teritando, a falar da devastação que a tempestade ia fazendo por aquellas terras.

Deram-lhe do que havia no armario: pão, queijo e fructas, e o peregrino, confortado, tomando ao collo a pequenita, poz-se a afagal-a carinhosamente.

Lá fóra a tormenta continuava a rugir.

— Habitais um sitio muito arredado e triste, desse o velho ao carvoeiro.

— É verdade, bem triste! Dá-me a floresta a lenha que vendo, a agua que bebo, e a caça de que me nutro. O lugar é melancolico, mas nunca nos faltou o

necessario, porque o meu trabalho o sabe tirar das arvores e das tócas.

Depois de um silencio, em que pareceu meditar, o velho disse, alisando os cabellos da pequenita :

— Tendes, entretanto, a fortuna muito perto de casa. Na caverna da floresta ha um thesouro guardado desde os tempos do rei Salomão. Quem lá fôr, e tirar, de cada vez, quanto possa conduzir sem fadiga, tornará ao lar tranquillamente; aquelle porem, que se exceder na carga, terá, no proprio sitio, o castigo da ambição.

— O que dizeis é verdade!? — exclamou o carvoeiro alvoroçado.

— Só a verdade vos digo, — affirmou o velho.

Os pequenitos, que tudo ouviram, logo resolveram visitar, na manhã seguinte, a caverna da floresta em procura do thesouro.

Cahindo a noite, amainando a borras-

ca, o velho, apezar das instancias do carvoeiro e da mulher, tomou o cajado, e partiu, depois de agradecer a hospedagem e de abençoar a pequenita.

Na cabana ninguem dormiu; e, aos primeiros albores da madrugada, sahiram todos — o carvoeiro, a mulher e os tres rapazitos.

A pequena ficou para guardar a casa e preparar a refeição.

Embrenhou-se a familia. Cada qual levava um sacco, contando regressar com grande cópia de ouro.

Chegaram a caverna, que ficava em sitio temeroso, e vagarosamente, penetraram.

Bem ao fundo viram como um monte de brazas que topetava com a abobada — eram luzentes barras de ouro.

Rojaram-se todos, e, esquecidos das palavras prudentes do velho, puzeram-se a encher os saccos, sempre achando pouco o que guardavam.

O carvoeiro levantou-se, e, com esforço, aos arrancos, arrastou o seu sacco até o limiar da caverna, sem poder erguel-o, tão superior ás suas forças era a carga.

A mulher mal se podia mover, tirava o seu sacco aos empuxões arquejando; o mesmo faziam os pequenos com o exemplo dos paes.

Um delles, porém, recordou as palavras do velho; mas o carvoeiro irritou-se:

— Ora o velho... Se bem andou, longe vae!

Quem sabe se eu me havia de abalar de casa por uma barra de ouro! Temos a fortuna á mão, tolos seremos se a não aproveitarmos!

Lentamente, esforçadamente, chegaram ao limiar da caverna, mas logo se sentiram presos.

Os pés afundaram no solo alongando-se em raizes, os corpos mudaram-se em troncos, os braços estenderam-se em ramos, os cabellos erriçavam-se em folhagem, e transformados em arvores, ali ficaram, bracejando ao vento.

Debalde a pequenita esperou-os para o jantar. Em vez delles, chegou a noite.

Na manhã seguinte, foi ella á floresta, procurou-os, chamou-os, e, guiando-se pelas pégádas que haviam ficado na terra molle, foi ter á caverna.

Passou pelas arvores, sem perceber que eram os seus parentes, e estacou deslumbrada deante do cogúlo de ouro.

Alegre, rindo, apanhou tres barras

das mais luzentes; sentindo, porém, o peso demasiado, e, lembrando-se da recommendação do velho; desfez-se de uma e, folgadamente, ia sahindo, quando ouviu vozes escarninhas :

— Por tão pouco não valia a pena teres vindo de tão longe! Volta á caverna, e toma outras barras de ouro!

Sem dar ouvidos á seducção a pequenita passou as arvores, e regressou á cabana.

No dia seguinte, tornou á caverna, e com mais duas barras voltou contente. Repetindo a viagem durante mezes, tornou-se dona de todo o thesouro.

Uma tarde, sentada á porta da cabana, chorava, quando viu vir uma velhinha, que parava de instante a instante, fatigada.

Couvidou-a a descançar um momento, a deu-lhe do que tinha, e emquanto comia, a velha pediu-lhe a razão das lagrimas que lhe arrasavam os olhos.

— Choro os que perdi, meus paes e

meus irmãos. Sou rica, riquissima! tenho mais ouro, nesta cabana, do que tem o rei no seu erario; dal-o-ia todo, de bom grado, pela antiga pobreza, se, com ella, voltassem os que perdi!

Emquanto ella chorava, ia a velha, astutamente, recolhendo as suas lagrimas em um pequenino vaso de crystal. E disse-lhe, por fim :

— Vamos á caverna! és digna de ser amerceada!

E logo, agil como se a levassem azas invisiveis, a velhinha transportou-se da cabana á floresta, levando a pequenita.

Á entrada da caverna, pôz-se a aspergir as arvores com as lagrimas, e logo se desfazia o encanto, e, um a um, reappareceram o carvoeiro, a mulher e os rapazitos.

Antes, porém, que elles se tirassem do espanto, disse a velha á pequena :

— Aqui os tens! leva-os comtigo, e que lhes fique na memoria este caso! Toda a ambição é prejudicial. O homem

não deve tentar o impossivel : quem muito quer, tudo perde; e é com perseverança e trabalho que se consegue a fortuna.

Como um fumo que se dissolve, a velha desappareceu, e a pequenita, abraçando os paes e os irmãos, reconduziu-os á cabana, onde lhes mostrou a riqueza accumulada com paciencia e sem fadiga, com a qual passaram a viver na cidade, com o fausto que o ouro lhes garantia.

E o carvoeiro, bemdizendo o coração da filha, referia-lhe os tormentos que haviam soffrido, elle e os seus, durante o tempo que viveram metamorphoseados em arvores.

A CIVILISAÇÃO

A CIVILISAÇÃO

Uma noite, toda a familia, reunida em torno da grande meza da sala de jantar, passava calmamente o serão. Octavio, inclinado sobre as paginas de um livro, contemplava as gravuras, e lia com interesse as linhas, em que se narravam longas viagens arriscadas, por terras e mares, na Africa, na Asia, e nas regiões geladas dos polos.

De repente, o menino levantou os olhos do livro, e perguntou :

— Papae, que quer dizer « civilisação » ?

— Porque perguntas isso, Octavio ?

— Porque está escripto neste livro que

os exploradores da Ásia, da Africa, e dos polos, teem o proposito de levar a civilisação a essas regiões... Então, os homens

que lá vivem não são homens como nós?

— São homens como nós, meu filho, mas não são civilisados como somos...

E, com paciencia e carinho, o pae de Octavio começou a explicar-lhe o que é a civilisação:

— A civilisação, que é a diffusão das riquezas materiaes, intellectuaes e moraes, não pode nunca, sem um longo trabalho de reforma paciente, tomar conta

de um paiz. Para que um povo tenha civilisação, é necessario que o moroso passar dos seculos vá aperfeiçoando o caracter d'esse povo. Assim, se a terra brasileira é hoje prospera e forte, foi necessario para isso o esforço collectivo e anonymo das gerações que se teem succedido. Tu, que nasceste em plena civilisação, gosando os beneficios que o trabalho dos teus antepassados preparou, concentra o teu espirito, e, contemplando o presente e lembrando o passado, compara-os, admirando o que foi esse lento progresso. Lembra-te, primeiro, da antiga bruteza d'este sólo: as selvas espessas e impenetraveis succediam-se, como enormes muralhas; os rios, largos e acachoeirados, oppunham novas barreiras ao passo humano; toda a natureza se mostrava concertada para repellir outros habitantes, que não fossem os que ella já possuia, rudes e selvagens como ella. Esses viviam vagando, sem pouso certo,

em constantes guerras; quando entravam na vida sedentaria, a sua habitação era um agrupamento informe de « ócas » (1) de barro e madeira tosca, cercadas de trincheiras de espiques de palmeiras. E o que era a vida social d'esses tempos, diziam-no claramente as caveiras dos inimigos mortos em combate, espetadas nas « caiçáras » (2). Compára esses tempos ao tempo de agora! Vê como a terra brasileira está coberta de uma população de mais de dezoito milhões de homens; o esforço humano venceu a hostilidade da natureza. As florestas abriram-se; desvendou-se o mysterio das serras; as pontes, arrojadas de margem a margem, dominaram os rios; as féras recuaram; e o arado, rasgando victoriosamente a terra, deixou-a submissa e amiga. Abre

(1) *Ócas*, eram as casas dos indios.

(2) *Caiçára*, era a trincheira ou cêrca, que rodeiava o aldeiamento.

agora um mappa, e vê como as estradas de ferro serpeiam, transpondo as aguas, furando os montes, servindo os centros ruraes, parando de espaço a espaço, ao pé de uma cidade, para logo correr de novo pelos campos, em busca de outras... De extremo a extremo do paiz, a civilisação estendeu essa rêde prodigiosa, que é como a ramificação de uma arvore immensa: dos troncos centraes partem os galhos, dos galhos partem as ramadas, e de anno em anno troncos novos se fixam no solo, expandidos em linhas varias, que vão de kilometro em kilometro occupando todas as zonas povoadas ou por povoar. É por essa immensa combinação de canaes que circula a actividade do trabalho, como pelas arterias e pelas veias do corpo humano circula o sangue que mantém a nutrição do organismo. E repara agora como, acompanhando as locomotivas, que voam pelos trilhos, se estendem os fios telegraphicos, constantemente vi-

brando, conduzindo a electricidade invisivel e poderosa, que transmitte o pensamento, e que congrega num mesmo ideal de ordem, de disciplina, de submissão ao governo da lei todos os cerebros... E observa agora o conforto da gente que trabalha. A sua habitação já não é a rude *taba* do selvagem, nem a feia *senzala* dos escravos, onde em promiscuidade immunda os desherdados da fortuna penavam e morriam. A senzala desappareceu, como desappareceu a « óca ». Limpa e arejada, a habitação actual do lavrador, do trabalhador livre, sorri, como a morada da paz e da fartura. Quando, ao romper da clara manhã, o trabalhador deixa a casa, para ir mourejar, sabe que deixa accomodada e feliz a familia : e, voltando a cabeça, para com um olhar amigo abençoar os filhos que da porta o veem partir, elle sabe, avistando a fumaça que corôa a chaminé domestica, que alli não falta o pão, como não falta o socego...

Agora, vê que multidão de cidades ha espalhadas pela tua terra, meu filho!... Umas, postas á beiramar, dominam as aguas contidas pelos cáes, vendo balançarem-se aos seus pés os navios, em cujos mastros as bandeiras de todos os paizes da terra fluctuam. Outras, emergem risonhas e barulhentas do seio fecundo das mattas. Outras, agarradas aos flancos das serras, são as primeiras a receber a luz do sol, e parecem estar celebrando, com o clamor dos seus sinos, com o estrepito das machinas das suas fabricas, a gloria do homem! E, emquanto os homens vão para o trabalho, as creanças, logo ás primeiras horas do dia, partem para a escola...

— A Escola tambem é um fructo da civilisação, papae? — perguntou Octavio, que ouvia tudo aquillo com uma attenção religiosa, fitando no pae os seus grandes olhos intelligentes e curiosos.

— Tambem, meu filho! E a Escola de

hoje já não é o que era antigamente, no inicio da civilisação. A Escola já não é um logar de tristeza e martyrio : é um prolongamento da casa da familia. O mestre já não appella para o castigo corporal, para a dôr physica, como para os unicos meios de formar a alma da creança : appella para o exemplo, para o carinho, para o affectuoso conselho que convence e comove. E, nas salas claras, diante dos mappas, diante dos livros, as creanças já não bocejam, acabrunhadas pelo tedio : sente-se bem, na attenção com que ellas ouvem as lições, o desabrochar da sua intelligencia na alegria, que é a saúde moral, e na vontade de saber, que é o elemento principal da educação. E ahi tens o que é a vida de hoje em tua patria, meu filho! — e ahi tens o que é « civilisação » ! Lembra-te de novo do tempo em que as tribus viviam por aqui, núas e sem leis, e do tempo em que sómente os braços dos pobres captivos

exploravam a terra, — e méde a extraordinaria extensão do progresso que temos conquistado!

— E esse progresso é completo, papae.

— Não! O progresso humano é incessante e infindavel. O trabalho do Homem não pára. No meio das imperfeições e das injustiças que ainda ha nas sociedades civilisadas, esse trabalho é a garantia de um futuro cada vez melhor. O esforço collectivo, animado pelo amor e pela bondade, ha de um dia nivelar todos os homens, e ha-de assentar no seio do planeta que habitamos a felicidade completa! Tu, que amas a terra em que nasceste, aprende, reconhecendo o valor do que os teus avós já fizeram, a sacrificar o teu proprio bem ao bem commum, para que os teus filhos e os teus netos possam abençoar a tua memoria, como abençoas a memoria dos que te deram a civilisação!

INDICE

		Pag.
I.	— A Fronteira *(Coelho Netto)*	7
II.	— Mãe Maria *(Olavo Bilac)*	17
III.	— A Partilha *(Coelho Netto)*	35
IV.	— Um homem *(Olavo Bilac)*	41
V.	— O « Cabeça de Ferro » *(Olavo Bilac)*	53
VI.	— A Patria *(Olavo Bilac)*	67
VII.	— O « Rato » *(Coelho Netto)*	79
VIII.	— O Recruta *(Olavo Bilac)*	89
IX.	— O velho rei *(Olavo Bilac)*	105
X.	— O Mentiroso *(Coelho Netto)*	111
XI.	— A Defesa *(Olavo Bilac)*	117
XII.	— A Borboleta Negra *(Olavo Bilac)*	129
XIII.	— O Parocho *(Coelho Netto)*	141
XIV.	— O Bandeirante *(Olavo Bilac)*	153
XV.	— Sumé *(Olavo Bilac)*	163
XVI.	— O Thesouro *(Coelho Netto)*	179
XVII.	— O « Perna de Pau » *(Coelho Netto)*	209
XVIII.	— Patria Nova *(Olavo Bilac)*	217
XIX.	— O Ambicioso *(Coelho Netto)*	227
XX.	— O Lenhador *(Coelho Netto)*	241
XXI.	— Uma vida... *(Olavo Bilac)*	251
XXII.	— Quem tudo quer tudo perde *(Coelho Netto)*	261
XXIII.	— A Civilisação *(Olavo Bilac)*	273

Typ. Aillaud & C.ª